

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

VISITAS MINISTERIAIS

Visitou ultimamente Guimarães Sua Excelência o Ministro das Corporações, que no nosso concelho veio inaugurar a Casa do Povo de Vizela.

O acto por si já teve o relevo merecido nos jornais.

Outra faceta, no entanto, nos prende a atenção ainda para esta visita.

Sua Excelência aceitou o convite de passar alguns momentos com a Câmara de Guimarães e certamente que esses momentos foram aproveitados para se pôr ao corrente das necessidades mais instantes deste concelho ligadas ao seu ministério. De facto, à volta do ilustre Ministro reuniram-se, além das autoridades locais, representações dos Sindicatos, Federações, Casas do Povo, Industriais, Turismo e Imprensa.

O Senhor Dr. Veiga de Macedo conhece muito bem a região desde que ocupou em Braga o espinhoso cargo de Delegado do Instituto Nacional do Trabalho. E sabe quantas amarguras e quantos trabalhos teve de encarar e suportar naquela fase embrionária do Corporativismo. Ensaaiavam-se nessa altura as leis de protecção ao trabalho. E sendo Guimarães um grande centro industrial, certamente Sua Excelência encontrou aqui muitas dificuldades então, para impôr uma doutrina, que ensaiava os primeiros passos, atingindo patrões e operários, mas principalmente os primeiros.

Daí as reacções que surgiram certamente, e que surgem sempre nestes casos, em que as classes sociais não estão ainda adaptadas.

Como estávamos dizendo, certamente Sua Excelência ressentiu-se ainda desse ambiente, mais de incompreensão do que propriamente de hostilidade.

Tudo mudou no entanto de então para cá, todos se foram adaptando ao ambiente social da época.

As leis sociais de protecção ao trabalhador são hoje uma realidade dentro do corporativismo português. É a razão moral, lógica e uma doutrina sã e orientada pelos Papas das Encíclicas que nos impõem essa protecção aos trabalhadores.

Daí as realizações sociais do nosso Estado Corporativo através dos contratos colectivos de trabalho, das Caixas Sindicais de Previdência (hoje em grande parte unidas em Federações) e destinadas a auxiliar os trabalhadores na doença,

invalidez, desemprego e garantilhes até pensões de reforma.

Bem sei que tudo isto não atingiu ainda o grau de perfeição a que todos aspiramos.

Dificuldades de toda a ordem surgem no caminho, e muito principalmente no nosso País que não possui o recurso de outros, onde

J. SOARES LEITE.

Continua na 2.ª página.

Os Ministros da Educação de Portugal e do Brasil visitaram Guimarães

Ao fim da tarde de domingo chegaram a esta cidade os srs. **Ministro da Educação e Saúde do Brasil e da Educação Nacional, dr. Clovis Salgado e Prof. eng.º Leite Pinto, acompanhados de suas esposas e dos srs. dr. Oswaldo Coutinho, secretário do Ministro do Brasil e esposa; dr. Gilberto Marinho, Senador Brasileiro; dr. Rui de Melo, das Relações Exteriores do Brasil; dr. Costa Lourenço, secretário do Ministro da Educação Nacional, e Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira, Governador Civil do Distrito.**

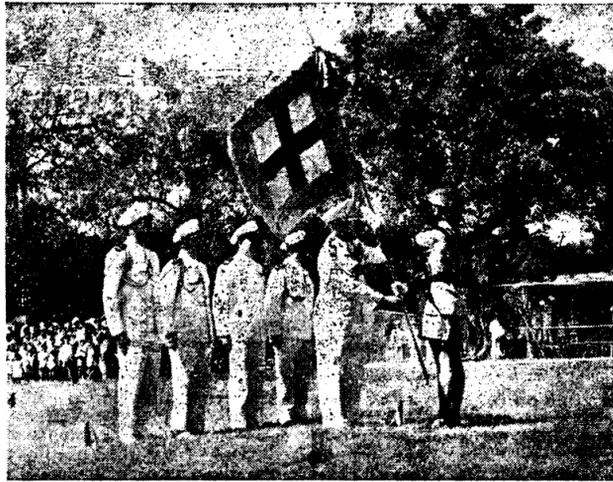
Foram recebidos pelos srs. dr. **Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal e vereadores; dr. Américo Guerreiro, reitor do Liceu; escultor António Azevedo, director da Escola Técnica; dr.ª D. Maria Emilia Amaral Teixeira, directora do Museu Alberto Sampaio; dr. Carlos Saraiva, presidente da Junta de Turismo, e diversas outras individualidades, na companhia das quais visitaram o Castelo, a igreja de S. Miguel e o Paço dos Duques de Bragança.**

No decorrer da rápida visita o presidente do Município saudou os dois estadistas e ofereceu-lhes recordações de Guimarães.

A Índia Portuguesa em Festa

A brilhante recepção da Bandeira de N. S.ª da Oliveira de Guimarães

(Especial para o «Notícias de Guimarães»)



O acto da entrega da Bandeira ao Governador Geral, General Paulo Bernardes Guedes

Ao rair do dia 21, cedo a esta Velha Cidade de Goa começaram a chegar os forasteiros em número impressionante.

De todos os pontos deste Estado chegava gente para, numa impressionante cerimónia, fazer-se a entrega da Bandeira ao representante do Governo da Nação.

Muitos que não adregaram meios de comunicação, palmilharam a pé pela estrada desta Velha Cidade, e o numerosíssimo povo ia chegando cada vez mais, tendo registado uma multidão enorme nunca vista aqui. Para se associarem à soleníssima cerimónia assistiram diversas Entidades Cívicas e Militares e Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Patriarca das Índias Orientais, D. José Alvernaz.

As horas iam avançando e o vasto recinto encontrava-se adornado por ansiosos e desejosos de ver a rica Bandeira que o bom povo de Guimarães ofereceu, palpitando de alegria e olhando todos os cantos como algo de surpresa surgisse.

As Forças Armadas, bem como a Mocidade Portuguesa encontravam-se devidamente uniformizadas, estando representada a população civil pelas Câmaras destes Concelhos e por Castelos da Mocidade Portuguesa.

A's 10 horas exactas, Sua Ex.ª o Governador Geral, General Comandante-Chefe, acompanhado da sua comitiva chega ao local, tocando a Banda de Corneteiros a

«sentido», recebendo em seguida os cumprimentos das Entidades presentes, Comandantes das Forças Terrestres e das Forças Navais, Comandantes da P. E. Índia e Guarda Fiscal, Presidente do Primeiro Senado de Goa e Comissário da Mocidade Portuguesa.

Hastearam-se os galhardetes do Governador Geral e General, Comandante-Chefe, que, dirigindo-se à Paraca, recebe perfurado a continência das Forças Armadas. Neste momento falou o Presidente do Primeiro Senado de Goa, Dr. Constâncio de Mascarenhas, que afirmou:

«Vai ser entregue à nossa devoção e à nossa guarda — começou assim o seu discurso o sr. Dr. Constâncio Mascarenhas — a Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira, oferecida pela Cidade de Guimarães à População da Índia Portuguesa. Oferta comovedora e gentil, pelos nobres sentimentos que a ditaram, ela se torna ainda mais significativa por a Bandeira ter sido tecida com linho daquela região, e bordada pelas mãos patrióticas das nobres Madames Vimaraneses. Assim a oferta importa uma dádiva da própria alma generosa da população daquela Cidade, berço ilustre da Nacionalidade Portuguesa, que naquele Estandarte nos transmite os seus votos auspiciosos, para que Nossa Senhora da Oliveira lance a Sua bênção sobre o povo desta Terra e lhe dê a paz que tanto almeja para a grande tarefa da sua reconstrução social e económica». Mais adiante afirmou: «A Fé na Nossa Senhora da Oliveira dará ao nosso povo aquela precisa confiança em si próprio tão necessária para realizações úteis, assim como a fé em S. Francisco Xavier manteve bem levantado o seu ânimo nos dois últimos anos críticos».

Após esta vibrante alocução,

Continua na 2.ª página.

GAZETILHA

«Ó Meu Menino...»

P'ra não gastar minha luz, eu à janela me pus pensando e gazetilhando: era noite de luar, e me vou habitar só a luz do céu gastando...

Mesmo sendo baratinha, já muito pouca luz tinha no meu pobre lar tristonho: mas, o seu custo subindo, é caso de que estou rindo, pois a luz vai ser um sonho...

E não consome energia cá o meu «rádio» caseiro: come arroz, espíndas fritas, a sopinha quase fria, e «ressona» o dia inteiro na «salinha de visitas»...

Luzinha da minha aldeia, que já eras de candela em minha saudade imensa: tu me vais causar mais pena, com tua face morena sobre o caminho suspensa...

Nem o «homem do bigode» nos valerá, que não pode, mas isto falando a sério: senão de luz regaria do Proposto à Atougula, e até mesmo o Cemitério...

Ai do meu triste destino, pobres'anhos dos meus olhos se tal coisa acontecer; pois então, «ó meu menino!...», vão redobrar meu abrolhos, pois então é que vai ser!...

Orlégio.

A Homenagem dos Bombeiros

ao Comandante José de Pina

O respeitável vimaranense José Luís de Pina, que há precisamente sessenta e cinco anos e aos 17 anos de idade, se alistou como voluntário no Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, benemérita Corporação que desde então até ao presente serviu com a mais alta dedicação, tornando-se por isso credor da gratidão de todos os vimaranenses, foi homenageado no domingo, por iniciativa do mesmo Corpo Activo, ao que se associaram os corpos gerentes da humanitária Associação e toda a Cidade por intermédio dos seus valores mais representativos.

Simplex, embora, a manifestação de domingo constituiu uma merecida e oportuna consagração ao Homem de Bem e Vimaranesense prestigioso, que tantos e tão assinalados serviços prestou à sua e nossa Terra.

As nobres qualidades do homenageado foram exalçadas, no decorrer da Sessão Solene, pelo dr. José Pinto Rodrigues

Depois da Missa que o rev. P.º João Pedro de Sampaio Bourbon (Lindoso), Capelão da Associação, celebrou, em acção de graças, às 10,30 horas, no templo de S. Francisco e à qual assistiram o Corpo Activo com respectiva Banda de Música, dirigentes da Associação e muitas outras pessoas, teve lugar no salão nobre do Quartel dos Bombeiros a brilhante Sessão Solene, que registou numerosíssima e selecta assistência, entre a qual se viam muitas senhoras. O homenageado foi alvo, ao chegar ao Quartel, de uma grande manifestação de simpatia e pouco depois tomou o seu lugar ao lado direito do sr. Presidente da Câmara Municipal, dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, que presidiu à Sessão e era ladeado por outras individualidades.

Falou então e em primeiro lugar o sr. dr. João Alberto Mota Prego de Faria, Presidente da Direcção, que saudou, em nome da Associação, o sr. Presidente da Câmara e demais individualidades e se referiu àquela homenagem de iniciativa do Corpo Activo, mas que mereceu desde logo o inteiro apoio da Direcção a que preside.

Seguidamente e em nome da Comissão Promotora da Homenagem, o Sub-Chefe sr. Abel Machado Faria pronunciou um breve discurso e fez a leitura de uma mensagem que, escrita em pergaminho e encerrada em artística pasta, estando assinada por todos os elementos do Corpo Activo, foi em seguida entregue, por entre aplausos, ao homenageado. Nesta altura a nete de José de Pina, menina Maria de Fátima, procedeu ao desceramento do retrato de seu avô, o que deu motivo a novas e calorosas manifestações por parte de toda a assistência, ouvindo-se também o toque de clarins e o estralar de foguetes.

O orador oficial, sr. dr. José Pinto Rodrigues, usou então da palavra

Foi então concedida a palavra ao ilustre advogado e orador fluente, sr. dr. José Pinto Rodrigues, que proferiu o seguinte e brilhante discurso:

Senhor Presidente da Câmara:

Congratulo-me com a presença de V. Ex.ª.

Ela evidencia a certeza de que tem nítida compreensão dos deveres do cargo que com tanto apuro exerce.

Ela exprime, da melhor maneira, que o município se associa à homenagem que hoje aqui se presta

a um dos vimaranenses mais ilustres de todos os tempos.

Não trouxe — tenho a certeza — o mero cumprimento de obrigação oficial, protocolar, mas afectiva, enternecida admiração pelo homenageado, sentimentos que, tal como a mim acontece e a tantos e tantos outros, vêm desde os nossos dez anos, desde aqueles velhos tempos em que iniciámos a caminhada para a vida na frequência do Liceu onde José de Pina foi Reitor magnífico e Professor sem igual.

Cedo nos habituamos a querer bem ao Homem, de diamantino coração; a admirar o Artista, de inspiração magnífica; a venerar o Mestre, cujos métodos de ensino não sei se seriam pedagógicos (palavra que desconhecíamos naqueles primeiros passos escolares), mas eram eficazes, profícuos, de resultados por vezes tão surpreendentes que revestiam aspectos miraculosos.

Não passarei adiante, Sr. Presidente e meu amigo de sempre, sem lhe desejar, muito sinceramente, os maiores êxitos na Administração Municipal, isto é, que tenha e nos proporcione a ventura de ver em breve realizadas as maiores aspirações de Guimarães, todas elas correspondendo a necessidades cuja satisfação é de inteira justiça.

Aliás, factos recentes auguram a efectivação destes votos.

Vai V. Ex.ª, no começo do próximo ano, ao Brasil, em honrosíssima representação do Município, isto é, de Guimarães.

Espero, confiado — e nesse sentido formulei ardentes votos, em que certamente serei acompanhado por todos os contentáneos — que V. Ex.ª se desempenhe de tão importante quanto significativa missão, de modo a corresponder plenamente às responsabilidades do prestigioso encargo.

Ex.ª Sr. Dr. João da Mota Prego de Faria:

Atribuiu-me V. Ex.ª, com a maior longanimidade, qualidades e merecimentos que, infelizmente, não posso.

Não sou falsamente modesto: a falsa modestia é simulação própria de hipócritas; mas julgo saber até onde posso ir, e, se não me iludo muito, estou firmemente convencido de que nunca usei transpor o limitado âmbito dos meus recursos.

Agradeço, do coração, as suas generosas palavras.

Negar que as tivesse ouvido com aprazimento seria mentira.

Elas deram-me mais do que satisfação; afoitaram-me a conven-

«Mensagem de Hellen Keller»

... assim se intitulou uma conferência que a Directora da revista «Os Nossos Filhos», Maria Lúcia da Silva Rosa, brilhantemente preferiu no Salão Nobre do Clube dos Fenianos, no Porto, a convite da prestimosa «Liga Portuguesa de Profilaxia Social». A conferente, a todos os títulos competente para falar de problemas sociais e de assistência à criança e aos deficientes motores, a que largamente se dedica com cérebro e coração, foi apresentada pelo sr. Governador Civil, dr. Domingos da Cruz, à grande assistência, do escol português, que enchia por completo o salão onde o caso de Helen Keller foi posto em relevo demonstrando quanto se pode conseguir dos deficientes desde que, como é justo, deles cuidemos como sendo indivíduos da nossa espécie que do Estado merecem todas as regalias que ao cidadão jamais seja dado gozar.

Maria Lúcia Rosa, que na sua revista bem tem demonstrado a sua capacidade de socióloga e pedagoga, conseguiu prender o auditorio, desde o princípio ao fim do seu trabalho, despertando sempre mais e mais interesse com a sua palavra clara, bem timbrada e firme no assunto que a todos interessa e no qual todos devemos meditar de modo a que todos trabalhemos para que a Assistência na nossa Terra se alargue e se aperfeiçoe.

Do trabalho de Maria Lúcia Rosa, respigamos algo que ao leitor dá uma ideia do seu valor e oportunidade:

«A célebre americana Helen Keller, que hoje conta 75 anos, nasceu uma criança normal. Aos 19 meses foi atingida por uma meningite que a deixou completamente cega e surda. Os pais não se conformavam com a situação de sua filha, mas sentiam-se impotentes para a modificar, porque

os médicos diziam que nada havia a fazer. Até aos 6 anos e meio, Helen viveu como um animal selvagem, completamente isolada dentro de si própria. Mas nessa altura surgiu na sua vida uma professora extraordinária, Mary Sullivan, que conseguiu dar-lhe uma noção do mundo que a rodeava, ensin-la a falar e a ler. Dominado o maravilhoso instrumento da fala, senhora dos segredos da leitura e da escrita, Helen Keller jamais saciou a sua ansia de saber: aprendeu várias línguas, formou-se em vários Cursos Universitários e iniciou uma longa, brilhante e infatigável carreira de professora, escritora e conferencista.

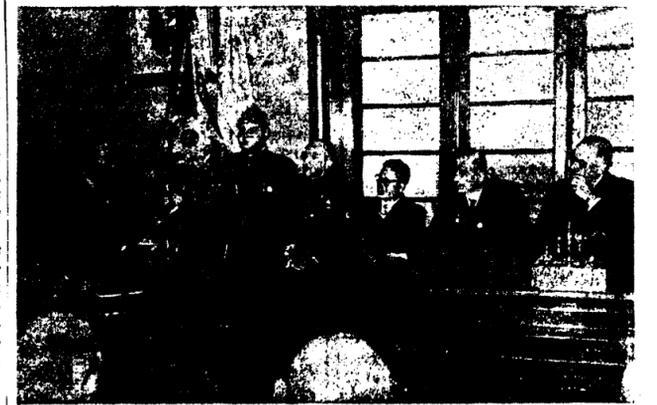
Na sua recente passagem por Lisboa, onde permaneceu apenas uma semana, Helen Keller visitou a cidade, os seus monumentos, bairros característicos e miradouros. «Conversou» com médicos, jornalistas e gente do povo. Helen Keller não é, de maneira nenhuma, uma isolada: ela tem conhecimento de todas as realidades do seu tempo. Corajosa e bondosíssima, trabalha constantemente pelo bem dos cegos e dos surdos-mudos. Em Lisboa declarou: «Sinto-me triste e chocada por sa-

ISAURA CORREIA SANTOS.

Continua na 2.ª página.

Presidente da Câmara

Esteve em Lisboa a tratar de assuntos de interesse para Guimarães, o ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, que conferenciou com os Srs. Ministros das Obras Públicas e do Interior e com os Directores Gerais da Urbanização e da Caixa Geral de Depósitos, regressando optimamente impressionado com as diligências efectuadas.



Um aspecto da sessão solene, vendo-se o dr. José Pinto Rodrigues no uso da palavra

Os que tombam na morte!

Será a morte tema de reflexão? Certamente. Mas não fundamento para cismações. Se é termo lógico da própria vida.

Há pouco acompanhei ao cemitério o cadáver do Dr. Domingos Pereira, em Braga. Este espectáculo mortuário ofereceu-me uma síntese:

Morre os homens. Para além deles, subsistem as ideias. Relanciando a vista sobre os muitos que o acompanharam à jazida do cemitério, neles vi estereotipada uma geração combativa. Morre, mas não deserta!

Um a um, aqueles que foram companheiros desse homem de acção nas fileiras republicanas, não tombado. Para sempre, vencidos pela morte, não tombado! Mas neles se afirma o idealismo heróico da República.

Assim o querem os mortos da falange republicana.

Grato me foi ver ali tantos dos antigos militantes. Prestando homenagem ao morto, todos esqueceram, nesse momento, antagonismos, discordâncias, quanto aos sucessos ou insucessos da sua acção governativa. O que refugia, à superfície de todos os estados de espírito, era este sentimento:

— *O Dr. Domingos Pereira, foi estruturalmente um bom!*

Se, por vezes, errou, foi porque se deixou avassalar pelas solicitações de quantos o rodeavam.

Contudo, desceu à cova sem que o salpicasse um egoísmo, um desvaio, uma delinquência de maldade.

Quando haja de apreciar-se a sua acção governativa, importa conhecer a época que atravessou...

Cinquenta anos nos enlaçaram em amizade.

Sem me distinguir por benesses que lhe pedisse — pois jamais lhe solicitei empenho ou favor — nunca sombra empanou a nossa estima. Venero a sua memória.

Quando certos adversários nivelam todos os homens da República, maldizendo-os, praticam agravio.

Quando lhes recusam talento administrativo, excluindo essa qualidade para os seus, denotam parcialismo.

O morto de agora, foi à cova carregado de injúrias.

Porque devemos aos mortos, verdade, em nome desta, eu digo:

Domingos Pereira não subiu ao capitólio da glorificação? Contudo, não merece, em nenhuma circunstância, que o despenhem na Rocha Tarpeia da indignidade.

Porquanto: neste homem da República, afirmou-se um carácter. Nem defeição, nem cobardia. Sempre firme, sempre de pé, para a luta!

Tive pena, senti pesar com a sua morte. Mais ainda porque, com o seu desaparecimento, se fez em mim a imagem dolorida de um ciclo histórico que se encerra.

A legião dos antigos, abate-se. E' chegada a sua hora crepuscular. Outros os vieram substituir.

E eu — ai de mim! — não ficarei pr'a semente.

Adiante, pois, e cara alegre.

Não vale a pena filosofar com a morte. O melhor que podemos fazer, é aceitá-la. Aceitá-la de boa mente. Resignados, contritos.

Formoso salmo é aquele soneto de Antero, onde, depois de percorrida a nebulosa das ideias, o Poeta exclama:

Na mão de Deus, na sua mão direita, Descançou, afinal, meu coração...

Recordou este salmo lenitivo, em seu testamento, o saudoso Dr. Manuel Monteiro.

cer-me, por momentos, e com justificada euforia, que tem um bocadinho de real préstimo o pobre de mim que sou.

Não estamos em situação assemelhada a jogos florais de elogio mútuo; por isso, e porque prezo a sinceridade e não menos a oportunidade, que o mesmo é dizer o real e o pertinente, não lhe retribuo, agora mesmo, tão lindas palavras, que lhe são, sem favor, adaptáveis.

Mas... «há mais marés que marfinheiros».

Em ocasiões propícia me vingarei — sem incorrer em lisonja.

Porque lá diz o rifão: — «ao médico, ao letrado e ao abade, falar verdade».

Meus Senhores:

Desvaneceu-me o convite que o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Guimarães me dirigiu para falar nesta sessão.

Desvaneceu-me, por a escolha, embora imprecisa, traduzir, em si mesmo, algo a que não poderia ficar indiferente a minha sensibilidade, e por, assim, me ser dado ao de cooperar na exaltação de um filho querido da Nossa Terra, adorado (é o termo) por todos os vimeiraneses, e, de um modo especial, nesta Casa, sua devedora de muitos e muito elevados e inapreciáveis serviços. Muito obrigado, valorosos bombeiros.

Continua na 4.ª página

A INDIA PORTUGUESA EM FESTA

Continuação da 1.ª página

verdadeiramente patriótica, a Delegação que foi a Guimarães buscar a Bandeira, entregou-a a Sua Ex.ª o Governador Geral e Comandante-Chefe, que por sua vez fez entrega da mesma ao Presidente da Câmara de Goa. Após este solene acto, discursou o Comandante de Artilharia das Forças Terrestres, sr. Major Correia de Matos, aos microfones da Emissora Nacional de Goa, que terminou assim a sua vibrante e patriótica alocução:

— As Forças Armadas em serviço neste Estado, com toda a sua alma, agradecem e bendizem a honra que lhes é conferida, entregando à sua guarda um estandarte simbólico das melhores tradições da sua História-Pátria. Do coração nos salta um portuguêsíssimo «Bem haja», dirigido à Câmara Municipal de Guimarães e a quantos, entidades e pessoas, de qualquer generosa maneira cooperaram nesta tão cativante iniciativa, com a afirmação solene de que por maiores que sejam os riscos, indiferentes a sacrifícios, saberemos todos, se for perturbado o signo de paz contido nesta bandeira, defender a Índia com virilidade patriótica, por todos os meios, ou seja contra 10, ou seja contra 1000, firmando uma vez mais o nosso tradicional prestígio e repetindo sempre ao inimigo:

— Não!

Terminada a sua alocução, as Forças em Parada tomaram a posição de «ombro arma», e neste momento o Presidente da Câmara de Goa, faz a entrega da Bandeira a um Oficial escolhido. As Forças Armadas em Parada, superiormente comandadas pelo digno Comandante do Batalhão de Caçadores da Índia, sr. Tenente-Coronel Raúl Cordeiro Pereira de Castro, prestam continência à Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira, apresentando armas, e fazendo-se ouvir a marcha de continência pela Banda de Corneteiros do Batalhão de Caçadores da Índia, e ao mesmo tempo a Bateria salva com 21 tiros.

A seguir S. Ex.ª o Governador Geral concedeu alguns elementos das forças militarizadas, distinguindo-se o Agente Monteiro da P. E. I. pela sua abnegação, arrojo e audácia em defesa da sua Pátria, tendo em seguida agradecido a S. Ex.ª, fazendo-lhe a continência. A Bandeira, à frente, devidamente escoltada, dá-se o início ao desfile das Forças Armadas, assistindo ao mesmo S. Ex.ª o Governador Geral, General Comandante-Chefe, que em cima de um estrado, na Tribuna de Honra,

feita propositadamente para este acto, ia vendo as Tropas em desfile, garbosas e impecáveis no seu marchar, e nesta ocasião 2 aviões dos T. A. I. P. quiseram associar-se à manifestação de toda a população de Goa. Concluído o desfile, S. Ex.ª, acompanhado da sua comitiva e entidades, dirige-se para a Basílica do Bom Jesus para dar-se início às cerimónias religiosas. Sua Ex.ª Rev.ª o Patriarca das Índias Orientais, benzeu a Bandeira, que o Oficial Porta-Bandeira lhe apresenta, numa escolhida salva de prata, sustentada pelo Capelão Militar Chefe, sr. Padre Lourenço. Dá-se o início à Santa Missa, rezada pelo sr. Patriarca no túmulo de S. Francisco Xavier. A Ebandeção da Hóstia e do Cálix, a Blandia de Corneteiros tocou a marcha de continência, e ao findar S. Ex.ª Rev.ª entouo solene Te-Deum de louvor a Deus, dando no fim a bênção do Santíssimo Sacramento, acompanhando estas cerimónias o côro do Batalhão de Caçadores da Índia, sob a regência do Capelão Militar do B. C. Índia, Rev. Padre Manuel Pires da Silva, S. J. Findas as cerimónias religiosas, S. Ex.ª, num imponente Cortejo, dirigem-se para o Palácio do Hidalcão, em Pangim, onde a Bandeira fica depositada.

Fizeram-se cerimónias para recolha da Bandeira, tendo a sua guarda apresentado armas, e ao som da marcha continência e saudação a Bandeira foi levada para o Gabinete Militar do Comando-Chefe.

Assim terminou a cerimónia da Bandeira de Guimarães, que fica à guarda desta encantadora Goa, e inesquecível.

Guimarães, a Cidade de D. Afonso Henriques, manifesta pela segunda vez, no decorrer dos tempos, a sua nobreza e o patriotismo leal de que sempre foi credora.

A organização das cerimónias religiosas esteve a cargo do sr. Capitão António dos Santos Pinheiro; do desfile o sr. Capitão José da Paz Laranjo Mourato e da recolha o sr. Alferes Afonso José Carmo, do Comando Chefe.

Todas estas cerimónias foram filmadas pelos Serviços Cinematográficos do Exército, e a transmissão esteve a cargo da Emissora de Goa.

Velha Goa, 21 de Outubro de 1966.

António de Freitas Costa
1.º Cabo Mecânico.



O Presidente da Câmara de Goa, em posse da Bandeira oferecida por Guimarães

A VISITA DO GOVERNADOR do Distrito Rotário ao Clube de GUIMARÃES

O actual Governador do Distrito Rotário Português, Sr. Domingos Ferreira, fez na 4.ª-feira a sua primeira visita oficial ao clube de Guimarães, no decorrer da sessão habitual, tendo conferenciado, previamente, com os componentes da Direcção do clube e com os elementos das diversas comissões, acerca de diferentes assuntos.

A reunião, a que assistiram como convidados os srs. António Emilio Ribeiro, Casimiro Martins Fernandes e Fernando Martins Fernandes e na qual tomaram parte, também, rotários do clube de Amarante, presidiu o sr. Albano Martins Coelho Lima, tendo secretariado e dirigido o protocolo o sr. Antonino Dias de Castro.

A saudação à bandeira Nacional foi feita pelo Governador que seguidamente foi saudado pelo presidente do clube em breves mas expressivas palavras.

Ao fazer a apresentação dos convidados e a leitura do expediente, o secretário saudou o Governador do Distrito e os rotários

de Amarante e deu conhecimento das saudações do past Presidente sr. Leandro Martins Ribeiro, lendo, depois, uma notícia acerca de uma reunião realizada em Lourenço Marques. Procedeu depois à leitura de uma mensagem do Governador transmitindo um desejo do Dr. Vasco Nogueira de Oliveira e, a propósito, formulou votos, a que todos os presentes se associaram, pelas melhoras do prestigioso rotário.

Depois de haverem apresentado «comunicações» os srs. José Machado Teixeira, Dr. Correia Mendes, presidente do clube de Amarante, e António de Sousa Lima, falou o Governador do Distrito, que se ocupou do assunto das bolsas e da celebração da Semana da Fundação Rotária.

Terminou as suas considerações agradecendo o acolhimento que lhe fora dispensado e formulando votos pelas prosperidades do clube de Guimarães.

Tendo-se procedido à que habitual, cujo produto foi destinado a auxiliar os estudos de um missionário, esta rendeu escs. 360\$00.

O Presidente, ao encerrar a sessão, manifestou a sua satisfação não só pela forma como os trabalhos decorreram, mas ainda pela honrosa visita do companheiro Governador, assim como dos rotários de Amarante e dos convidados, tendo para todos palavras de especial apreço.

A criação do 3.º ciclo no nosso Liceu

foi recebida com entusiasmo

Causou geral satisfação em toda a cidade a notícia da publicação do decreto que estabeleceu o 3.º ciclo no nosso Liceu. Guimarães verá deste modo realizada uma das suas mais antigas e legítimas aspirações. Por isso foram expedidos inúmeros telegramas de agradecimento aos Srs. Presidente do Conselho e Ministro da Educação Nacional.

Também a Câmara Municipal fez expedir os seguintes telegramas:

— Senhor Presidente do Conselho — Lisboa.

Excelência
Câmara Municipal Guimarães tendo conhecimento Decreto-Lei quarenta mil oitocentos vinte seis cria terceiro ciclo Liceu rejubilou e calorosamente manifesta Vossa Excelência reconhecido agradecimento alto benefício âmbito cultural publicação daquele diploma sob patrocínio Vossa Excelência.

Presidente da Câmara
a) Castro Ferreira.

— Senhor Ministro Educação Nacional — Lisboa.

Excelência

Tomando conhecimento criação terceiro ciclo Liceu Decreto-Lei quarenta mil oitocentos vinte e seis Câmara Municipal Guimarães manifesta Vossa Excelência sinceros agradecimentos por tão alto benefício âmbito educacional que honra Vossa Excelência e o Governo da Nação. Guimarães agradece e não esquece.

Presidente da Câmara
a) Castro Ferreira.

— Director Geral Ensino Liceal — Lisboa.

Câmara Municipal Guimarães reconhecendo altos benefícios âmbito cultura educação criação terceiro ciclo Liceu desta cidade Decreto-Lei quarenta mil oitocentos vinte e seis manifesta penhorado agradecimento cooperação Vossa Excelência publicação citado diploma legal.

Presidente da Câmara
a) Castro Ferreira.

Conclusão de Curso

Na Universidade do Porto, concluiu, brilhantemente, a sua formação em ciências biológicas, a sr.ª dr.ª D. Maria Djalma de Castro Freitas, estremeçada filha do nosso prezado amigo sr. Capitão José M. da Mota Freitas e de sua dedicada esposa sr.ª D. Esmeraldina José de Castro Freitas.

As nossas felicitações.

APELO do REV. P.ª MATOS

Por absoluta falta de espaço só no próximo n.º será feita a devida referência aos donativos recebidos ultimamente da sr.ª D. Emília Barroso, de M. O., de Rotary Clube e de outros subscritores, para o nosso protegido, conforme o apelo feito por aquele nosso ilustre colaborador.

Festas Nicolinas

Já está constituída a Comissão de estudantes do nosso Liceu, que no presente ano se propõe levar a efeito e com o maior brilho, as tradicionais Festas Nicolinas, as quais serão anunciadas já no dia 29 do corrente com o Cortejo do Pínteiro.

Declaração

Bernardino de Abreu, casado, proprietário, morador na Avenida do Conde de Margarede, desta cidade, tendo tido conhecimento de que sua mulher Júlia Pereira Caldas fez algumas dívidas, que aquele liquidou, — por haver sido por ela afirmado, que esse dinheiro se encontrava em determinado sítio e que lhe seria restituído — vem, deste modo e em todos os jornais da cidade, declarar que não se responsabiliza por quaisquer dívidas que, futuramente, venham a ser contraídas por aquela sua mulher, ou filhos, por haver constatado a falta de fundamento da afirmação de sua mulher.

a) Bernardino de Abreu.

«Mensagem de Hellen Keller,»

Continuação da 1.ª página

ber que se tem feito tão pouco em Portugal em favor dos cegos, o Povo português precisa compreender que se os cegos forem educados convenientemente, podem ser felizes, independentes e fazer muitos trabalhos úteis.

O exemplo, a presença e as palavras de Hellen Keller constituem uma mensagem para todos os portugueses: há que despertar o interesse pela recuperação dos cegos, dos surdos-mudos e também dos paralticos, dos aleijados e amputados, dos débeis e doentes mentais, numa palavra, de todos os deficientes. O exemplo de Hellen Keller é assombroso, mas não é único. Em todo o Mundo há deficientes que se tornaram célebres pelas suas actividades. A incapacidade sensorial ou física é relativa e não obriga à invalidez. As técnicas médicas, psicoterapêuticas, pedagógicas e sociais, têm feito tão grandes progressos que se as utilizarmos com eficiência, as desvantagens dessas insuficiências serão muito diminuídas e a reabilitação, mesmo parcial, constitui um triunfo maravilhoso.

Todos os técnicos estão de acordo em que a reeducação deve ser o mais precoce possível, tanto no que respeita à idade do indivíduo, como no que respeita à idade da deficiência ou tempo de duração da incapacidade. As Famílias e sobretudo as Mães, são chamadas a desempenhar papel muito importante na recuperação das crianças deficientes.

Todos devemos interessar-nos pela criação de clínicas, escolas, oficinas para deficientes e de um Estatuto do Trabalhador Deficiente, que o proteja no seu direito ao trabalho e que o ampare na velhice, doença e invalidez. Todos devemos interessar-nos por este problema e substituir a piedade inerte e lamentosa por um interesse activo, esclarecido, impregnado de amor e compreensão. Então saberemos que os recursos dos deficientes são extraordinários. Dir-se-á que a natureza compensa com possibilidades inéditas, prodigiosas, aqueles que diminuiu de qualquer maneira. Veja-se o exemplo de um rapazinho Boliviano, nascido sem pernas e sem braços, que por si só conseguiu maneira de suprir a sua trágica dupla deficiência. Levado para uma clínica americana, este rapazinho revelou a maior inteligência, coragem e bondade; todos os especialistas americanos se interessaram pelo seu caso, e o Director do Hospital onde esteve internado, expando ao Vice-Presidente da Bolívia o que tencionavam fazer pelo pequenito, impôs que o rapazinho só voltaria para a Bolívia se se compromettessem a criar nesse país um Centro de Recuperação para todas as crianças com deficiências motoras; a proposta foi aceite. Este assombroso caso de uma criança tão cruelmente atingida e um exemplo de um País que, reconhecido pelos benefícios prestados a essa criança, se dispõe a resolver a situação de todas as suas crianças deficientes — são da mais alta eloquência.

Assiste-se hoje, em todo o Mundo, a um grande movimento a favor da recuperação dos deficientes motores. Uma prova: criou-se em Lisboa, recentemente, a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, que se propõe solucionar os seus problemas psicológicos, profissionais e sociais, coordenando esforços e colaborando com todas as pessoas interessadas no assunto. Pois a Liga Portuguesa dos Deficientes Motores tem recebido incentivo de Instituições congêneras espalhadas, pode dizer-se, por todo o Mundo.

Estamos, com certeza, todos de acordo quanto à necessidade de resolver a situação dos nossos Deficientes, estudar os seus problemas psicológicos e sociais, cuidar do ensino escolar e preparação profissional, defender os seus direitos. Se nalguns países isso se tem conseguido com excelentes resultados e até mesmo em escasso tempo — como é o caso da Indonésia, onde o problema foi resolvido em 3 anos — nós, Portugueses, também temos possibilidades de o realizar.

Oxalá que a «Liga Portuguesa de Profilaxia Social» nos dê muitas conferências como esta da Directora de «Os Nossos Filhos», e a Imprensa a coadjuve nos magnos problemas em prol de um amanhã que seja bem melhor que o dia de hoje.

PROPACIDLA
O Gaz para a Indústria

Empregado Ainda colando, com mais de dez anos de prática em armazém, deseja mudar-se para fábrica sólida (serviço de armazém de tecidos e algodões). 660
Falar na Redacção.

Assinalar NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A história dos navios-tanques

A evolução dos navios destinados ao transporte do petróleo tem acompanhado de perto os progressos realizados, quer no campo da construção naval quer no da mecânica, por várias gerações de técnicos, desdobrando-se em esforço para conseguirem resolver os múltiplos problemas suscitados pela necessidade do transporte duma carga líquida e inflamável. Foi assim que, quando se generalizou o uso da iluminação a petróleo, os transportadores, procurando a forma mais prática de abastecer os países consumidores, se viram muito naturalmente em face dos veleiros, cujas airovas silhuetas

lizados unicamente para o transporte de petróleo. Foi o «Cluckauf» que inaugurou a nova era, dominada pelo grande melhoramento da colocação da chaminé à retaguarda do navio, que era equipados com máquinas a vapor mas ainda tinha velas. Entra-se assim no período de transição entre o veleiro e o vapor.

«Sir» Marcus Samuel, fundador da «Shell Transport and Trading», que seguiu de perto as possibilidades do «Cluckauf», leva-as mais longe com a construção do «Murex» em 1892. Este navio, o primeiro da Shell, apresentava nítidas vantagens

rança dos comboios de petroleiros alguns deles são armados com meios de defesa contra qualquer espécie de ataque. Como consequência lógica da guerra, recorre-se à instalação do radar que permita navegar com todas as condições de tempo.

Entre 1946 e 1950 as necessidades de combustível cresceram rapidamente o que, por consequência, força o aumento das dimensões dos petroleiros e a sua tonelage que sobe de 18.000 a 28.000 toneladas. E porque o preço do fuel é bastante inferior ao do gasoil, eis que se dá nova transformação nas máquinas cujas turbinas voltam a ser accionadas a vapor. Como exemplo de grandeza e perfeição técnica citamos o «Velutina» lançado à água em Wallsend-on-Tyne em Abril de 1950 para a Shell e que nessa época foi considerado como o maior petroleiro construído nos estaleiros ingleses. Há três anos a Shell experimentou com pleno sucesso a turbina a gás, montada no «Aurix» de 12.250 toneladas.

E os petroleiros têm crescido sempre. Recentemente foram construídos em St. Nazaire quatro unidades com 201 metros de comprimento, 16 nós de velocidade e 10 tanques centrais e 100 laterais de larga capacidade. O conforto da tripulação excede todas as expectativas, pois cada homem tem a sua cabine com água quente e fria e todos os requisitos modernos não faltando sequer instalação para o rádio e para a máquina de barbear.

Quem conseguirá descortinar os limites indefinidos das dimensões sempre maiores dos petroleiros? O «Tina Onassis» pisa pelos mares as suas 45.000 toneladas e afirma-se que no Japão se constrói actualmente um transporte de petróleo com 63.000. Será possível descobrir o fim desta longa história dos petroleiros?

O PETRÓLEO E A MEDICINA

É muito provável que pouca gente seja susceptível de identificar os produtos dos armários-farmácias, existentes em todas as casas de banho, com o petróleo e seus derivados. No entanto, é facto incontestável que os estudos e pesquisas efectuados no laboratório das grandes empresas petrolíferas têm prestado largo auxílio à farmácia e à medicina, colocando à disposição de uma e outra vários produtos que vão desde o simples desinfectante até ao anestésico de alta eficiência utilizado em operações cirúrgicas. Podem citar-se a vaselina com que se fazem os unguentos e as pomadas, e a vaselina e a parafina líquidas, que entram na composição de produtos para nebulizações nasais além de toda uma série de alcoóis que se usam em medicamentos para fricções, desinfectantes, etc.

É curioso notar que o emprego do petróleo bruto como medicamento, é conhecido há pelo menos 6.000 anos. Os egípcios, por exemplo, usavam-no para fazer estagnar o sangue, e até contra a lepra, as úlceras e a dor de dentes. Na América do Norte, os soldados de Washington aprenderam com os índios a tratar dos males dos pés banhando-os em petróleo. E, ainda há relativamente pouco tempo, por volta de 1850, Samuel Kier, natural da Pensilvânia e mais tarde o pioneiro da refinação de petróleo na América, servia-se da sua eloquência de charlatão de feira para impingir o seu «óleo de rocha», que assim era então conhecido o petróleo bruto, como panacea infalível em paralisias, cegueira, gota, nevralgias, reumatismo e lesões diversas.

Ainda que nos cause admiração, o que é facto é que o uso que hoje a medicina faz dos produtos químicos de origem petrolífera tende a confirmar algumas dessas antigas ideias sobre o valor terapêutico do petróleo: assim, o cloreto de alio tem propriedades anti-hemorragicas; a mianésica, um bálsamo muscular à base de petróleo, dá resultados surpreendentes quando aplicada contra os efeitos paralisantes da poliomielite (paralisia infantil), da congestão cerebral e de outras doenças, e está sendo actualmente empregada com êxito no tratamento de certos casos de perturbações mentais para os quais até hoje não se esperava encontrar qualquer medicamento efi-



Alguns insectos prejudiciais à agricultura

Uma obra de divulgação de grande utilidade

Da mesma maneira que os insectos são produtores de substâncias úteis e a eles se deve, em grande parte, a produtividade de certas plantas, também podem ser responsáveis pela transmissão de numerosas doenças do homem, dos animais domésticos e das plantas, e provocar ainda a destruição de milhares de toneladas de preciosos alimentos.

Assim e no intuito de prevenir a Lavoura nacional contra os principais insectos prejudiciais à Agricultura, a Shell Portuguesa publicou e está a distribuir, puramente com fins de divulgação, um folheto a cores, abundantemente ilustrado, no qual identifica esses insectos e dá nota do seu ciclo evolutivo e das condições essenciais para estabelecer um plano de defesa contra a sua acção daninha.

Prefaciado pelo Eng.º Agrónomo Francisco Moreira Aranha, chefe da Repartição dos Serviços Fitopatológicos da Direcção dos Serviços Agrícolas, e com uma introdução pelo Dr. Miguel Paulo F. Neves Júnior, entomologista daquela Repartição, *Alguns insectos prejudiciais à Agricultura* constitui uma iniciativa das mais interessantes e ainda excelente contribuição para a Campanha de Intensificação Agrária, agora em pleno desenvolvimento.

ANEDOTAS

Uma senhora que acaba de perder o marido — afogado quando tomava banho numa praia — encontra um amigo que lhe apresenta as suas condolências e inquire, muito interessado, da sua situação.

— Ah! Quanto a isso, felizmente, o meu defunto deixou-me muito bem. Tenho mais de dez contos por mês de rendimento.

— Ora calcule, minha senhora — diz-lhe o amigo, muito admirado — quem havia de dizer que arranjava assim uma fortuna com um homem tão simples, que não sabia ler nem escrever.

— ...nem nadar — rematou a viúva muito impressionada.

Um director de circo ouviu falar de um anão extraordinário e mandou-o chamar com intenção de o contratar. Ficou porém muito admirado ao surgir-lhe um homem de estatura normal.

— Então o senhor é que é o anão? — inquiriu.

— Está admirado, não está? É que hoje é domingo, dia de descanso. Por isso, estou à vontade... e estendi-me.

caz entre as drogas conhecidas; uma outra droga há ainda para o tratamento do alcoolismo; criou-se também um novo plástico, à base do petróleo, que tem larga utilização em cirurgia plástica e cirurgia interna para fins de reconstrução, dele se afirmando que oferece nítidas vantagens em relação aos ossos e cartilagens humanas; há um derivado petrolífero que serve como dissolvente para numerosos produtos, tais como a vitamina D e as sulfamidas; e até uma vitamina, a vitamina E, se pode preparar a partir de um outro derivado do petróleo.

SERVINDO A LAVOURA

A «gafa da azeitona» e o seu tratamento

No número de Julho de 1955 do *Boletim Agrícola*, publicação mensal da Shell Portuguesa, o Sr. Eng.º Silvicultor J. Azevedo e Silva, dos Serviços Agrícolas daquela empresa, publicou um interessante e bem documentado trabalho intitulado «Breves notas sobre a «gafa» da azeitona e o seu tratamento». Desse trabalho, respigamos as seguintes e utilíssimas indicações:

«O tratamento contra a «gafa» impõe-se pelos enormes estragos que esta doença causa. Daí o terem sido feitos no nosso País alguns ensaios, quase todos baseados na aplicação de sais de cobre.

Durante os anos de 1953 e 1954 conduzimos alguns ensaios em larga escala, tendo obtido controlo da «gafa» em condições plenamente satisfatórias, empregando caldas preparadas a partir de oxicleto de cobre.

A rapidez com que o «Gloeosporium olivarum» se desenvolve e prolifera exige o emprego de um fungicida contendo cobre sob uma forma tal que se dê a ionização rapidamente, a fim de inibir os esporos de germinarem. O oxicleto de cobre parece ter de facto esta qualidade, e daí os resultados satisfatórios que se obtém com o seu emprego.

No decurso dos nossos ensaios verificámos ainda que os fungicidas experimentados não possuem acção curativa, mas sim preventiva.

Todavia, a aplicação da calda fungicida mesmo quando o ataque já principiou, evita que este atinja as azeitonas ainda sãs.

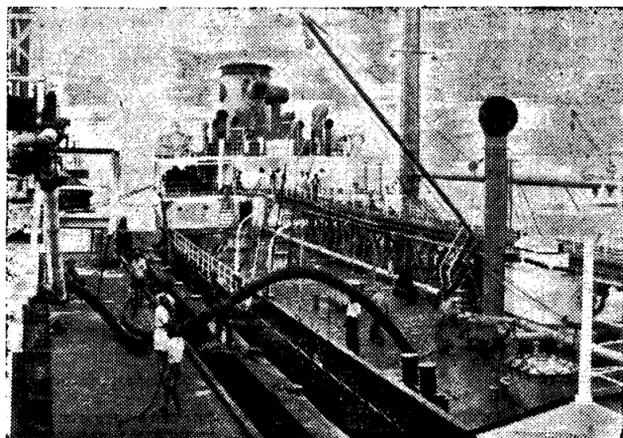
Da nossa exposição podemos concluir que: 1—O fungo «Gloeosporium olivarum» ataca só as azeitonas maduras. 2—Entre as temperaturas de 22° C. e 27° C., e após ter chovido, dá-se rapidamente a infecção das azeitonas. 3—E no Outono que se reúnem as condições favoráveis ao desenvolvimento e propagação do fungo. 4—E nos dois terços inferiores da copa que o ataque da «gafa» se dá com maior intensidade. 5—O oxicleto de cobre é fortemente inibitório da

germinação dos esporos do «Gloeosporium olivarum» Alm. 6—As chuvas são extraordinariamente favoráveis ao desenvolvimento e propagação do fungo.

Baseados nestas conclusões, estabelecemos as seguintes normas para a defesa contra a «gafa»:

a) Só fazer aplicações de fungicida no início da maturação das azeitonas (tratamentos antecipados são desnecessários). b) Pulverizar a copa das oliveiras, tendo em especial atenção os dois terços inferiores. c) Utilizando pulverizadores de «alto-volume», pulverizar abundantemente a copa das oliveiras com uma calda que contenha 250 gramas de cobre elementar, sob a forma de oxicleto, em 100 litros de água. Juntar a esta calda 1 decilitro de molhante-aderente. d) Utilizando pulverizadores de «baixo-volume», empregar uma calda que contenha 2,5 quilogramas de cobre elementar, sob a forma de oxicleto, em 100 litros de água, e gastar 0,5 litro de calda por árvore. Juntar a esta calda 1 decilitro de molhante-aderente. e) Se o tempo decorrer quando observar os primeiros sinais de «gafa», e uma segunda aplicação após as primeiras chuvas. f) Se o tempo decorrer chuvoso, fazer um primeiro tratamento logo que os frutos entrem em maturação. Fazer um segundo tratamento três semanas mais tarde. g) Se houver um período de chuvas intermitentes fazer pulverizações de 15 em 15 dias durante esse período.

E, agora, lembremos que a azeitona entulhada está nas condições mais propícias a ser atacada por diversos fungos e outros agentes infecciosos, os quais provocam perdas em quantidade e qualidade de azeite, como já foi descrito oportunamente. Torna-se absolutamente necessário que a azeitona uma vez apanhada da árvore seja laborada dentro de um a dois dias, evitando deste modo que o «Gloeosporium olivarum» e outros fungos se desenvolvam, destruindo assim o valioso trabalho de desinfecção feito no campo.



Navio-tanque da SHELL à carga em BALIK PAPAN

sulcavam ao tempo todos os mares do globo.

Foi o «Elisabeth Watt», em 1861, o primeiro navio a atravessar o Atlântico (de Filadélfia a Londres) com um carregamento de petróleo, acondicionado em barris de madeira cuidadosamente alinhados no único porão do barco. Nos anos que se seguiram, muitos outros navios transportavam petróleo em condições semelhantes, apenas melhorados pelo revestimento de cimento no porão, com que os armadores julgavam obter melhor segurança para as tripulações.

Com o «Vaderland», lançado à água em 1872, ensaiou-se a construção de petroleiros movidos a vapor e providos de cisternas em ferro. São dessa época os veleiros «Charles», equipados com 59 cisternas em ferro de 13 toneladas cada uma, e o «Quevilly» de quatro mastros.

A partir de 1885 iniciou-se a construção de navios concebidos e rea-

sobre todos os outros, permitindo-lhe navegar até 1916, data em que foi torpedeado. Foi, além disso, o primeiro petroleiro a passar o Canal de Suez o que levantou então graves discussões, pois a Companhia do Canal e os armadores de navios de passageiros opuseram-se terminantemente à sua passagem, dado o perigo que a carga oferecia.

Depois de 1892 o tráfego de petróleo passou a ser efectuado por barcos de todas as categorias e só já em pleno século XX se fixaram bases universais para a sua construção. A importância cada vez maior das dimensões destes navios carregados de líquido havia posto aos engenheiros problemas de intrincada solução — desde a resistência dos materiais de construção à colocação da máquina, que à ré accentuava o desequilíbrio do barco.

Em 1907, porém, todos os petroleiros são já accionados a vapor e poucos de entre os existentes transportam quaisquer outras mercadorias, muito embora aceitem e procurem fretes de retorno depois de descarregado o petróleo. Os motores Diesel, montados pela primeira vez no «Vulcanus», deram novo incremento ao transporte dos produtos petrolíferos, considerados de vital importância no decurso da guerra de 14/18. Antigos veleiros e toda a espécie de barcos disponíveis foram equipados com motores Diesel de submarinos numa luta constante contra o espaço e o tempo.

Dois anos após o termo daquele conflito novos horizontes se abrem à construção de petroleiros. O «São Fernando», deslocando-se à velocidade de 9,5 nós, era o orgulho da Eagle Oil Company que pouco depois se associaria ao Grupo Shell. E em 1926 desencadeia-se a verdadeira revolução de ordem técnica com a introdução dos «Summer tanks», pequenos reservatórios intercomunicantes que espalhados sobre a parte superior a todo o comprimento dos navios lhes garantiam melhor aproveitamento do espaço e maior estabilidade.

De 1930 a 1934 surgem novos progressos. Os petroleiros oscilam entre as 12.000 toneladas e atingem velocidades de 10 a 12 nós. E porque a batalha parece ter alcançado o fim, só então os construtores começam a preocupar-se com as condições da vida a bordo. Os «Summer tanks» tinham os dias contados pois se optava já em seu lugar um reservatório central e dois laterais.

Durante a última guerra se bem que do lado europeu a construção de navios petroleiros tenha parado por completo, nos estaleiros americanos tenta-se vencer os perigos oferecidos pelos submarinos. Em 1943 surge na América uma série de petroleiros — modelo com 16.000 toneladas, 1.600 metros de comprimento, 17,5 nós de velocidade e a propulsão de 6.000 CV por turbina eléctrica. Um sistema de utilização de materiais pré-fabricados torna a construção mais rápida e para segu-

MODELO DE OUTONO

O modelo que inserimos é de «crayon». Além de muito fresco, este tecido facilmente se amarrata e tem a vantagem de se poder lavar tantas vezes quantas se quiser.

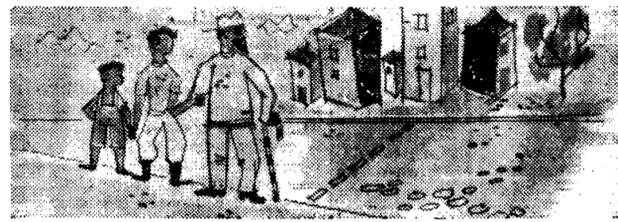


Como se trata de um vestido com um casaco, tanto pode ser usado como vestido ou como *tailleur*.

O vestido, sem mangas, tem um decote em forma de coração. A saia é travada, com um cinto do mesmo tecido. O casaco é largo, de costas direitas. Tem uma gola redonda, mangas a três quartos, e um bolso metido, de cada lado.

O «crayon» pode ser cinzento, azul, amarelo ou castanho.

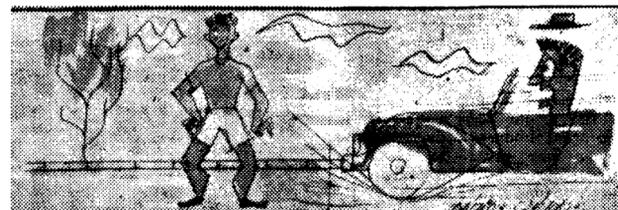
O PROBLEMA DO TRÂNSITO



Temos o dever de auxiliar as pessoas idosas e os mais novos



Cuidado quando se atravessa junto a uma viatura estacionada! É difícil ver os carros que se aproximam e eles terão a mesma dificuldade em ver-nos



Lembre-se que os carros nem sempre podem travar quando e onde querem, principalmente se as ruas ou as estradas estão escorregadias

(Do folheto, publicado pela Shell Portuguesa, «De pequenino se torce... o peão».

A HOMENAGEM DOS BOMBEIROS AO COMANDANTE JOSÉ DE PINA

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Raras vezes se terá ouvido (ou ouvirá), nesta sala, voz tão humilde como a minha, mas nunca, nem no passado, nem no futuro, aqui se verificou, ou verificará, acontecimento que exceda o significado desta em absoluto merecida e justa homenagem a José Luis de Pina, cuja vida, nos múltiplos aspectos por que possa ser considerada, se impõe como exemplo insuperável, dispensadora de palavraslouvaminheiras que, por melhor retocadas e por mais eloquentes, sempre desmereceriam da excelsa beleza do seu espírito profundamente cristão e do seu carácter sem mancha.

Um dos mais salutaros prazeres é, quanto a mim, o de admirar, — admirar totalmente, sem condições, o que, na verdade, for admirável. Só os primários ou os que vivem perturbados e enleados por complexos que entibiam ou adormecem os mais nobres impulsos humanos (e nesses incluo os que a si próprios se acoimam, em tudo e por tudo, de insatisfeitos, e os que visceralmente invejam ou odeiam quanto exceda a sua diminuta craveira — todos, afinal, desgraçados) se furtam ao doce e reconfortante prazer de admirar. Admirar, na pessoa do nosso semelhante, a beleza, física ou moral (sobretudo esta); o mérito, profissional ou intelectual; a coragem, moral ou física; o saber; a coerência; a isenção; a fidelidade aos princípios superiores da ética; o carácter; em suma, tudo quanto dignifica e eleva, é caminho, seguro e certo, para procurar imitá-lo, para seguir-lhe o exemplo.

Exemplos maus — não faltam; pululam por toda a parte — e chegam, muitos deles, a ter aparência mais aliciante do que os bons. Vivemos num mundo angustiado e doente, onde não têm conta os lamentavelmente esquecidos de certas leis de valor eterno.

É certo que nós, os portugueses, contrariando a velha cançoneta francesa que nos fazia perpetuamente alegres, temos propensão para enegrecer de pessimismo os quadros da nossa vida social. A balda vem de longe. Aqui há dezenas de anos (em tempos que, comparados com os de hoje, poderiam chamar-se paradisíacos), o grande Camilo, pela boca de um dos seus personagens, o Tibúrcio, assim desabafava, cruel, sarcástico: «Neste dilúvio de porcaria, as bestas são tantas e a arca tão pequena que, afinal, não se salva ninguém, por causa das bestas».

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Todavia, não poderá alcançar-se de exagerada esta apreciação de certos aspectos dos tempos decorrentes, que li em livro muito recente:

Nunca o homem foi tão pródigo de promessas e tão pobre de virtudes, nunca se viu tão afogado de esplendores, nem tão avaro de afectos, tão solitário na multidão, tão estranho no seu ambiente, tão distante de si mesmo — alheado da sua vida interior como um automático que, em vez da alma, tivesse apenas molas de aço, rodas dentadas e cadeias sem fim. E, por excelência a época da falsificação. Tudo se falsifica, desde os géneros de alimentícios aos factos históricos, desde as palavras às intenções, desde os sentimentos às ideias. O sofisma toma foros de verdade indiscutível, a perfídia mascara-se de virtudes e exige louvores, as palavras, esvaziadas de conteúdo, convertem-se em estandartes, soltos a todos os ventos, num oportunismo descarado e grosseiro. Chamam-se hábeis os que sabem guardar certas aparências de honestidade, e espertos os que se não embaraçam com exemplos morais. Farsa e tragédia! Uma imprudente sementeira de cepticismo!

O esquecimento das leis eternas a que me referi, fez com que o homem, que começou por ser escravo dos seus temores, para, logo a seguir, escravizar o seu semelhante, em pleno século XX, no decurso de pouco mais de 50 anos, se abismasse por duas vezes (para contar unicamente as conflagrações universais), numa loucura de sangue e de destruição, à procura do seu futuro entre ruínas, cometendo depredações, violando e saqueando, sem respeito pelo velho, pela mulher, pela criança, sem respeito por si próprio. Conquanto diz autor contemporâneo, os mais lamentáveis aspectos da Guerra não são as grandes calamidades que sucedem à vista de todo o mundo, batalhas em que milhares de vidas são destruídas no espaço de poucas horas, lares assolados, populações presas de terror e súbitamente reduzidas à miséria, forçadas a palmar o caminho do exílio — mas sim a dor secreta que corrói os corações humanos, durante anos e anos, por causa do fútil, do absurdo, do inútil desperdício de vidas humanas.

Se tudo isto acontece (segundo alguns) porque o mundo está empobrecido e procura, por tais meios, a abastança, então bendita seja a pobreza!

Não resisti à tentação de, como já fiz em ocasiões semelhantes, lhes ler, a propósito, uma página admirável de Agostinho de Campos:

«Se a crise actual — escrevia pouco antes da última conflagração — significasse apenas o empobrecimento do mundo, o caso seria talvez motivo de parabéns. Em vez de pensarmos, apavorados, que o mundo está saindo dos seus eixos, deveríamos talvez supor alegremente que vai reentrar neles.

«Os verdadeiros eixos do mundo são e foram sempre a pobreza e a modéstia, e não o luxo e a riqueza. A pobreza vale ouro, porque educa e enriquece os homens. É a mãe das energias e dos progressos.

«Companheira do génio criador, fonte de heroísmos cotidianos e anónimos, sem ela não teria havido civilização nem cultura, frutos do trabalho e da luta do homem pobre para ser menos pobre, e do homem rico e que se julga pobre para ser mais rico ainda.

«O mundo enriquece com a actividade dos pobres e empobrece com a preguiça dos ricos. Miserável coisa seria um mundo só de ricos, ociosos e fartos: apeteceria dar-lhes esmolas de energia e de força.

«A pobreza partiu das cavernas e das choças, nas matas doentes, e arroteou a terra, limpou os ares, criou as obras de arte e de ciência.

«E abriu os caminhos e as estradas e uniu os homens, procurando e descobrindo mil maneiras de encurtar as distâncias do mundo.

«Toda a riqueza que existe é filha da pobreza activa e forte; e se os economistas teimarem em dizer-nos que o capital é riqueza acumulada, a gente os emendará dizendo que ele é pobreza acumulada, porque o vemos feito das virtudes dos pobres, e porque são também os pobres — engenheiros, inventores, trabalhadores, construtores — quem vai buscar aos cofres dos ricos o dinheiro inerte e inútil, para o transformar em forças progressivas.

«Os países atrasados são aqueles em que os pobres, parados nas praças e pelas esquinas, parecem ricos vadios; e onde os ricos, traidores à Santa Pobreza, vivem na ociosidade nula, que é miséria mental e moral.

«Pensando bem, ver-se-á que não há mais triste indigência do que deixar evaporar-se a essência de riqueza que cada homem traz no corpo e na alma quando nasce, e por muito pobre que nasça».

Com efeito, a vida do homem — no aludido livro — seria absurda sem uma finalidade moral que a transcendesse, porque há na consciência, sob a forma imperativa do dever, um reflexo sempre vivo dessa personalidade.

«E nunca a verdadeira beleza moral, aquela que se destaca pelo fulgor irradiante da bondade, se deixou consumir no mundo para alcançar êxitos fáceis».

Estamos neste momento precisamente a glorificar um homem nimbado por aquela verdadeira beleza moral que se destaca pelo fulgor irradiante da bondade.

Estamos a homenagear um homem que, aos 82 anos, na sua solidão, desfolhando as suas recordações, jamais poderá ser assaltado por um sequer leve escrúpulo de consciência, de tal modo tem sido límpida e clara a sua longa vida.

Quantos factos extraordinários e perturbadores, da mais extrema e dolorosa gravidade, uns, de radiante e benéfico esplendor, outros; quantos crimes hediondos e quantas gloriosas aventuras; quantas catástrofes morais e materiais e quantas gestas de sublime generosidade; quantas cobardias miseráveis e quantos heroísmos de epopeia; quantas descobertas para o Bem e quantas para o Mal; quantos horrores e angústias a esquecer; quantos actos de sacrifício e de fraternidade a lembrar perenemente... ocorreram no decurso dos últimos 80 anos da vida universal e da vida nacional!

Tudo este grande período de tragédias e de grandezas sem par o atravessou José Luis de Pina sempre por rectilíneo caminho, mantendo, inabalável, a sua inteireza moral, a sua congénita bondade!

Um homem assim poderia cantar como o poeta brasileiro Manuel Bandeira num seu pequenino e adorável poema tanto do meu gosto:

Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou carável), Talvez eu tenha medo, Talvez sorria, ou diga: — Ah, iniludível!

O meu dia foi bom, pôde a noite [descer. (A noite com seus sortilégios) Encontrará lavado o campo, a casa [limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar. (bis)

Minhas Senhoras e Meus Senhores: A sua fundação, em 1877; a celebração do seu 25.º aniversário, em 1902; a do 50.º aniversário, em 1927; a homenagem a Simão da Costa

Guimarães, simultânea da inauguração da actual parada, em 1928; a inauguração deste edifício, em 1944; a comemoração de agora — terão sido os momentos mais festivos da vida da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Numa pesquisa rápida — os meus afazeres profissionais impediram ir mais além — não me foi possível coordenar dados concretos que me permitissem realizar o que ao princípio, após a aceitação do convite para vir hoje aqui, foi meu intento: esboçar, pelo menos, a história da Associação, especialmente da Corporação, durante as dezenas de anos da sua existência.

Fiquei, porém, com a impressão de que, para tanto, os arquivos da Casa são muito deficientes: tudo provém mais da tradição oral dos que andam e andaram por cá. Das colecções dos jornais locais, vistas por mim muito perfunctóriadamente, pouco se obtém, sendo até que, na data da fundação, não se publicava qualquer jornal neste Concelho, consoante se alcança do «Catálogo da Exposição da Imprensa Periódica Vimaranesa (1822-1953)» realizada pela Sociedade Martins Sarmento por ocasião da comemoração do milénario da existência histórica da cidade de Guimarães.

Todavia, os momentos festivos mais assinaláveis serão os que deixei referidos.

Em efeméride de João Lopes de Faria, vê-se no *Labor da Grei*, de Francisco Martins:

«1877, Março, dia 19 — instalação da companhia dos Bombeiros Voluntários criada por iniciativa de José Martins de Queirós Montenegro, que foi seu primeiro comandante».

Nos tempos iniciais, o corpo activo foi constituído, em parte, por moços que pertenciam ao que então se chamava, à francesa, *élite vimaranense*; porém, a arduidade das obrigações inerentes à função, afastou, pouco a pouco, os menos dotados para tão ingentes trabalhos. José Minotes, assim era conhecido o fidalgo illustre a quem se deve a criação dos Voluntários, conservou-se no comando bastantes anos. Era um homem, como hoje se diria, todo desportivo; sobretudo, grande cavaleiro! Assim é que, noutra efeméride do mesmo paciente e honestíssimo investigador, vê-se que, em 14 de Agosto de 1882, «os bombeiros voluntários fazem grande recepção ao seu comandante José Martins de Queirós Minotes, que fora ao Porto tomar parte no espectáculo do Circo Olímpico, na presença de Suas Majestades, onde triunfou».

É antes da fundação dos Voluntários, como se apagavam os incêndios em Guimarães?

É coisa que deve saber muito bem o Alberto Vieira Braga ou qualquer dos operosos investigadores que têm carrilado achegas para a história da nossa Terra.

O modo de o fazer seria, por certo, o das localidades de igual categoria, em suma, o da época.

A entidade encarregada era uma Companhia (creio ser esta a designação) de bombeiros municipais.

Ainda do aludido Lopes de Faria, transcrevo nesta efeméride:

«16 de Março de 1802: — Carta do General de Viana, escrita ao Capitão dos Bombeiros de Guimarães, participando-lhe que, em virtude do ofício que dirigiu ao Príncipe Regente e em harmonia com o Aviso de 4 do mês passado, podia ele e o mais pessoal da companhia de bombeiros usar um laço encarnado, igual distintivo ao que usava a sua congénere da cidade de Braga».

Quanto às aludidas festividades: A celebração do 25.º aniversário dos Voluntários foi muito simples: missa, exercício geral no Largo da Oliveira, copo de água oferecido pelo Comandante aos seus subordinados.

A comemoração do 50.º aniversário, mais próximo de nós, teve grande retumbância, revestiu-se de certo esplendor.

Dos números que a constituíram destacou-se, pelo brilhantismo, a apositação, na bandeira, da medalha de ouro da cidade e a condecoração de dois bombeiros, ambos eles exemplares: Domingos Soares, pelos serviços prestados durante 25 anos, e o velho Avelino da Silva Guimarães (de quem todos os presentes da minha idade se lembram muito bem) por serviços prestados durante 50 anos, tendo sido, portanto, um dos inicialmente inscritos no Corpo Activo.

A cerimónia, concorridíssima pelo povo local e por representantes de muitas corporações similares, efectuou-se no Largo do Toural e foi presidida pelo Governador Civil do Distrito ao tempo.

Vários oradores usaram da palavra, como se diz-se, e um deles fui eu.

Com que arrego não dirigi ao Chefe do Distrito — por sinal um homem de bem e muito distinto

sucedeu a comandantes de fibra excepcional.

Mas verdade é que, ainda simples recruta, já os seus serviços se notabilizaram, por exceder em muito o que seria exigível à sua situação na hierarquia da Corporação.

Verdadeiramente, não houve um só instante da vida da Corporação em que José de Pina não estivesse presente com o seu gentilíssimo espírito de artista ou com a proficiência e ensinamentos de bombeiro conhecedor de todos os segredos da benemérita função.

Foi no exercício do comando dos bombeiros o que era na situação de professor e reitor do Liceu; homem bondoso, amorável, e se fazia obedecer pela persuasão e pelo exemplo.

Grande e querido José Pina! — Ele é, e ficará nesta Casa, como símbolo perene de pulcra Abnegação!

Minhas Senhoras e Meus Senhores: Salientarei, agora, um facto digno, sem dúvida, de maior realce.

Se é certo que esta prestiosíssima instituição gozou sempre das maiores simpatias de todos os vimaranenses (nem outra coisa se conceberia), certo é também que, no respeitante à composição do seu Corpo Activo, cujo primeiro comandante era, aliás, fidalgo, tem sido ele quase exclusivamente formado, desde pouco depois da sua fundação, por homens do povo, homens humildes, assalariados, operários, sem outra nobreza que não seja a que lhes provém de se devotarem, com perigo da vida própria, à salvação da vida e bens alheios.

Assim, os actuais Quadros do Corpo Activo e Auxiliar compõem-se de 59 bombeiros, e exceptuados o senhor comandante, oficial do Exército, e seis praças (um proprietário, um industrial, dois empregados comerciais, um empregado industrial e um empregado de escritório), os restantes são operários, representando as profissões mais frequentes no nosso meio. Vale a pena a sua enunciação: caidador, calandreiro, carpinteiro, cortador de calçado, curtidor, couteiro, marceneiro, mecânico, motorista, operário fabril, penteiro, picheleiro, pintor, polido de móveis, serralleiro, surrador, tintureiro.

Facto digno de salientar-se, pelo que dele se extrai em louvor do Povo desta Terra, em louvor do Povo de Portugal.

O Povo de Portugal! A História ensina que na estruturação da Nação Portuguesa; na crise de que emergiu o primeiro rei da dinastia de Aviz; nas revoltas e batalhas pela Restauração; na defesa contra os invasores; em todas as circunstâncias em que perigou a existência da Pátria ou em que foi necessário defendê-la ou reconquistá-la, contra o inimigo de fora ou contra o inimigo de dentro, o Povo esteve sempre, por instinto e por amor, onde deveria estar!

Orgulho-me de pertencer a este Povo que valeu a Portugal nas suas horas mais cruciantes, que contribuiu primordialmente para a sua integridade, labutando e pelejando, cultivando o agro ou seguindo nas caravanas, morrendo gloriosamente quando não podia vencer, mas saindo quase sempre vitorioso de praelios desiguais, por toda a parte espalhando o seu sangue generoso: no Continente, na África, na Índia, no Brasil, onde quer que se impôs o dever de honrar o nome sagrado de Portugal!

O Povo de Guimarães! — vêm de antes da fundação da nacionalidade as suas tradições de trabalho e de heroísmo, documentadas em páginas de inmarcescível glória.

Ainda há dias, reli, de *O Concelho de Guimarães*, de João de Meira, o capítulo — «História». — E empolgante. Nele, descrevendo a cooperação dos vimaranenses durante os primeiros anos de Portugal, exprime o autor esta síntese eloquente: «Os homens afeitos na labuta do trabalho tinham-se habituado também à defesa dos muros. A mesma mão brandia com perícia igual o malho ou a acha, e a mesma tranquilidade reinava nos corações quando se debruçavam sobre os tanques de curtimento ou sobre os parapetos das muralhas».

Mas nem só pelo Trabalho e pelo Heroísmo o povo se distingue e se nobilita: em toda a parte onde surja obra que careça de assistência desinteressada, mas caseirosa e fatigante, obra em que a única retribuição dos que nela participarem, será a consciência do dever cumprido, o Povo, o nosso bom e generoso Povo, logo aparece a dedicar-se-lhe inteiramente, sem restrições.

O bombeiro é alto paradigma desta asserção.

Regressado a casa, cansado da labuta quotidiana, comida a ceia parca, quando está no melhor do seu merecido sono, sem ainda ter recuperado energias, ao sinal de alarme, o bombeiro levanta-se do seu leito,

deixa mulher e filhos (sem lembrar-se de que poderá não voltar a vê-los), impulsionado pela obediência a um juramento que em circunstância alguma deixará de respeitar — e não raro sob a inclemência das intempéries, corre, voa, a desempenhar-se de uma obrigação que voluntariamente assumiu e que toda ela constitui sacrifício e renúncia, tendo no coração o lema imposto pela lábaro que o guia: *Morte ou Glória*: — a morte dele (quantas vezes) e a glória de contribuir para evitar ou morigerar a fatalidade que desceu sobre a casa alheia!

Bombeiros: Nos versos que o sábio Martins Sarmento escreveu para o vosso hino, está retratada a magnitude do vosso múnus:

Amen outros, no ardor da batalha Ceifar vidas e almas aos cem A afrontar audazmente a metralha Sem saber muitas vezes por quem.

Nós também afrontamos a morte Para nós seus fantasmas são vãos; Mas, se a vida jogamos à Sorte, E salvando a de nossos irmãos.

O clarim não nos manda à matança, Para fazermos dos mortos trofeus; Só nos manda levar a esperança Aos que às vezes a têm só em Deus.

Não queremos a Glória bastarda De quem nutre de um ódio feroz De algum sangue stajar nossa Jarda Seja apenas vertido por nós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores: A apreciação da personalidade de José Luis de Pina — o cidadão — o professor — o artista — não é possível em momento puramente emocional como este.

Terá de ser obra de pessoa competente.

Obra com este tema, por exemplo: «José Luis de Pina e a vida vimaranense do seu tempo».

Há na família de José de Pina — e está aqui presente — pessoa a quem sobejam as qualidades exigíveis para esse trabalho.

Aliás, por muitas circunstâncias, todas elas óbvias, exceder o objectivo desta homenagem seria estultícia e impertinência.

Quando teve conhecimento desta homenagem, Eduardo de Almeida, grande vimaranense, orgulho e honra da nossa Terra, a quem é devida consagração que terá de transcender os limites concelhios, escreveu-me a carta que passo a ler e constitui admirável resumo, que eu bem desejaria ter predicados para fazer, de quanto é justo dizer-se acerca de José de Pina:

«Na minha passagem de tão grandes jornadas por tão diversos caminhos, lembro-me de ter passado algumas horas na Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, o que, para mim não significa senão o ser-me dado ensejo de assistir, aliás como discípulo mediocre, a mais uma aula de Mestre José de Pina.

Aula de civismo e devoção; civismo viril, o préstimo do Bem-Fazer, a devoção, não só pelo desinteresse e abnegação, como pelo sacrifício e risco da própria vida.

E outra coisa não tem sido a vida do grande e honrado vimaranense que o inteiro sacrifício dela e dele, com o risco de alcançar a idade proventa, embora abençoado por todos, sem conforto material, e até moral, que por todos os títulos lhe era devido, na triste velhice de um homem de bem.

Homem de bem que deu a lição magistral da perfeita austeridade conjugada com a bondade compreensiva e estimulante, de reflexão metódica correspondente da acção forte e realista.

Como realizador que foi, calado, obscuro, teimoso, de pequeninas investigações, de pequeninas obras, que vieram a ser magníficas investigações e obras admiráveis — José de Pina é mais alguma coisa do que um homem bom de Guimarães: é a própria Guimarães em muitas horas da sua vida, uma Guimarães de bom senso mas progressiva, uma Guimarães estudante, mas alegre de salutar boémia espiritual, uma Guimarães artista, uma Guimarães de trabalho e oficina.

Poucos, muito poucos há como ele, meu caro Amigo.

Oxalá a tua palavra eloquente e sincera lhe sirva um pouco de lenitivo nesta hora desolada e que lhe amargura tanto... menos, estou certo, de arrependimento.

E ainda bem, para a sua Consciência».

Meu querido Amigo: Deste arrazoado só as palavras alheias merecem nota alta; as minhas, pobres delas, unicamente lhes dá valor o terem saído inteirinhas do coração.

(Conclui na página seguinte)

O DISCURSO DO DR. JOSÉ PINTO RODRIGUES

(Continuado da 2.ª página)

Guimarães, simultânea da inauguração da actual parada, em 1928; a inauguração deste edifício, em 1944; a comemoração de agora — terão sido os momentos mais festivos da vida da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Numa pesquisa rápida — os meus afazeres profissionais impediram ir mais além — não me foi possível coordenar dados concretos que me permitissem realizar o que ao princípio, após a aceitação do convite para vir hoje aqui, foi meu intento: esboçar, pelo menos, a história da Associação, especialmente da Corporação, durante as dezenas de anos da sua existência.

Fiquei, porém, com a impressão de que, para tanto, os arquivos da Casa são muito deficientes: tudo provém mais da tradição oral dos que andam e andaram por cá. Das colecções dos jornais locais, vistas por mim muito perfunctóriadamente, pouco se obtém, sendo até que, na data da fundação, não se publicava qualquer jornal neste Concelho, consoante se alcança do «Catálogo da Exposição da Imprensa Periódica Vimaranesa (1822-1953)» realizada pela Sociedade Martins Sarmento por ocasião da comemoração do milénario da existência histórica da cidade de Guimarães.

Todavia, os momentos festivos mais assinaláveis serão os que deixei referidos.

Em efeméride de João Lopes de Faria, vê-se no *Labor da Grei*, de Francisco Martins:

«1877, Março, dia 19 — instalação da companhia dos Bombeiros Voluntários criada por iniciativa de José Martins de Queirós Montenegro, que foi seu primeiro comandante».

Nos tempos iniciais, o corpo activo foi constituído, em parte, por moços que pertenciam ao que então se chamava, à francesa, *élite vimaranense*; porém, a arduidade das obrigações inerentes à função, afastou, pouco a pouco, os menos dotados para tão ingentes trabalhos. José Minotes, assim era conhecido o fidalgo illustre a quem se deve a criação dos Voluntários, conservou-se no comando bastantes anos. Era um homem, como hoje se diria, todo desportivo; sobretudo, grande cavaleiro! Assim é que, noutra efeméride do mesmo paciente e honestíssimo investigador, vê-se que, em 14 de Agosto de 1882, «os bombeiros voluntários fazem grande recepção ao seu comandante José Martins de Queirós Minotes, que fora ao Porto tomar parte no espectáculo do Circo Olímpico, na presença de Suas Majestades, onde triunfou».

É antes da fundação dos Voluntários, como se apagavam os incêndios em Guimarães?

É coisa que deve saber muito bem o Alberto Vieira Braga ou qualquer dos operosos investigadores que têm carrilado achegas para a história da nossa Terra.

O modo de o fazer seria, por certo, o das localidades de igual categoria, em suma, o da época.

A entidade encarregada era uma Companhia (creio ser esta a designação) de bombeiros municipais.

Ainda do aludido Lopes de Faria, transcrevo nesta efeméride:

«16 de Março de 1802: — Carta do General de Viana, escrita ao Capitão dos Bombeiros de Guimarães, participando-lhe que, em virtude do ofício que dirigiu ao Príncipe Regente e em harmonia com o Aviso de 4 do mês passado, podia ele e o mais pessoal da companhia de bombeiros usar um laço encarnado, igual distintivo ao que usava a sua congénere da cidade de Braga».

Quanto às aludidas festividades: A celebração do 25.º aniversário dos Voluntários foi muito simples: missa, exercício geral no Largo da Oliveira, copo de água oferecido pelo Comandante aos seus subordinados.

A comemoração do 50.º aniversário, mais próximo de nós, teve grande retumbância, revestiu-se de certo esplendor.

Dos números que a constituíram destacou-se, pelo brilhantismo, a apositação, na bandeira, da medalha de ouro da cidade e a condecoração de dois bombeiros, ambos eles exemplares: Domingos Soares, pelos serviços prestados durante 25 anos, e o velho Avelino da Silva Guimarães (de quem todos os presentes da minha idade se lembram muito bem) por serviços prestados durante 50 anos, tendo sido, portanto, um dos inicialmente inscritos no Corpo Activo.

A cerimónia, concorridíssima pelo povo local e por representantes de muitas corporações similares, efectuou-se no Largo do Toural e foi presidida pelo Governador Civil do Distrito ao tempo.

Vários oradores usaram da palavra, como se diz-se, e um deles fui eu.

Com que arrego não dirigi ao Chefe do Distrito — por sinal um homem de bem e muito distinto

sucedeu a comandantes de fibra excepcional.

Mas verdade é que, ainda simples recruta, já os seus serviços se notabilizaram, por exceder em muito o que seria exigível à sua situação na hierarquia da Corporação.

Verdadeiramente, não houve um só instante da vida da Corporação em que José de Pina não estivesse presente com o seu gentilíssimo espírito de artista ou com a proficiência e ensinamentos de bombeiro conhecedor de todos os segredos da benemérita função.

Foi no exercício do comando dos bombeiros o que era na situação de professor e reitor do Liceu; homem bondoso, amorável, e se fazia obedecer pela persuasão e pelo exemplo.

Grande e querido José Pina! — Ele é, e ficará nesta Casa, como símbolo perene de pulcra Abnegação!

Minhas Senhoras e Meus Senhores: Salientarei, agora, um facto digno, sem dúvida, de maior realce.

Se é certo que esta prestiosíssima instituição gozou sempre das maiores simpatias de todos os vimaranenses (nem outra coisa se conceberia), certo é também que, no respeitante à composição do seu Corpo Activo, cujo primeiro comandante era, aliás, fidalgo, tem sido ele quase exclusivamente formado, desde pouco depois da sua fundação, por homens do povo, homens humildes, assalariados, operários, sem outra nobreza que não seja a que lhes provém de se devotarem, com perigo da vida própria, à salvação da vida e bens alheios.

Assim, os actuais Quadros do Corpo Activo e Auxiliar compõem-se de 59 bombeiros, e exceptuados o senhor comandante, oficial do Exército, e seis praças (um proprietário, um industrial, dois empregados comerciais, um empregado industrial e um empregado de escritório), os restantes são operários, representando as profissões mais frequentes no nosso meio. Vale a pena a sua enunciação: caidador, calandreiro, carpinteiro, cortador de calçado, curtidor, couteiro, marceneiro, mecânico, motorista, operário fabril, penteiro, picheleiro, pintor, polido de móveis, serralleiro, surrador, tintureiro.

Facto digno de salientar-se, pelo que dele se extrai em louvor do Povo desta Terra, em louvor do Povo de Portugal.

O Povo de Portugal! A História ensina que na estruturação da Nação Portuguesa; na crise de que emergiu o primeiro rei da dinastia de Aviz; nas revoltas e batalhas pela Restauração; na defesa contra os invasores; em todas as circunstâncias em que perigou a existência da Pátria ou em que foi necessário defendê-la ou reconquistá-la, contra o inimigo de fora ou contra o inimigo de dentro, o Povo esteve sempre, por instinto e por amor, onde deveria estar!

Orgulho-me de pertencer a este Povo que valeu a Portugal nas suas horas mais cruciantes, que contribuiu primordialmente para a sua integridade, labutando e pelejando, cultivando o agro ou seguindo nas caravanas, morrendo gloriosamente quando não podia vencer, mas saindo quase sempre vitorioso de praelios desiguais, por toda a parte espalhando o seu sangue generoso: no Continente, na África, na Índia, no Brasil, onde quer que se impôs o dever de honrar o nome sagrado de Portugal!

O Povo de Guimarães! — vêm de antes da fundação da nacionalidade as suas tradições de trabalho e de heroísmo, documentadas em páginas de inmarcescível glória.

Ainda há dias, reli, de *O Concelho de Guimarães*, de João de Meira, o capítulo — «História». — E empolgante. Nele, descrevendo a cooperação dos vimaranenses durante os primeiros anos de Portugal, exprime o autor esta síntese eloquente: «Os homens afeitos na labuta do trabalho tinham-se habituado também à defesa dos muros. A mesma mão brandia com perícia igual o malho ou a acha, e a mesma tranquilidade reinava nos corações quando se debruçavam sobre os tanques de curtimento ou sobre os parapetos das muralhas».

Mas nem só pelo Trabalho e pelo Heroísmo o povo se distingue e se nobilita: em toda a parte onde surja obra que careça de assistência desinteressada, mas caseirosa e fatigante, obra em que a única retribuição dos que nela participarem, será a consciência do dever cumprido, o Povo, o nosso bom e generoso Povo, logo aparece a dedicar-se-lhe inteiramente, sem restrições.

O bombeiro é alto paradigma desta asserção.

Regressado a casa, cansado da labuta quotidiana, comida a ceia parca, quando está no melhor do seu merecido sono, sem ainda ter recuperado energias, ao sinal de alarme, o bombeiro levanta-se do seu leito,

deixa mulher e filhos (sem lembrar-se de que poderá não voltar a vê-los), impulsionado pela obediência a um juramento que em circunstância alguma deixará de respeitar — e não raro sob a inclemência das intempéries, corre, voa, a desempenhar-se de uma obrigação que voluntariamente assumiu e que toda ela constitui sacrifício e renúncia, tendo no coração o lema imposto pela lábaro que o guia: *Morte ou Glória*: — a morte dele (quantas vezes) e a glória de contribuir para evitar ou morigerar a fatalidade que desceu sobre a casa alheia!

Bombeiros: Nos versos que o sábio Martins Sarmento escreveu para o vosso hino, está retratada a magnitude do vosso múnus:

Amen outros, no ardor da batalha Ceifar vidas e almas aos cem A afrontar audazmente a metralha Sem saber muitas vezes por quem.

Nós também afrontamos a morte Para nós seus fantasmas são vãos; Mas, se a vida jogamos à Sorte, E salvando a de nossos irmãos.

O clarim não nos manda à matança, Para fazermos dos mortos trofeus; Só nos manda levar a esperança Aos que às vezes a têm só em Deus.

Não queremos a Glória bastarda De quem nutre de um ódio feroz De algum sangue stajar nossa Jarda Seja apenas vertido por nós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores: A apreciação da personalidade de José Luis de Pina — o cidadão — o professor — o artista — não é possível em momento puramente emocional como este.

Terá de ser obra de pessoa competente.

Obra com este tema, por exemplo: «José Luis de Pina e a vida vimaranense do seu tempo».

Há na família de José de Pina — e está aqui presente — pessoa a quem sobejam as qualidades exigíveis para esse trabalho.

Aliás, por muitas circunstâncias, todas elas óbvias, exceder o objectivo desta homenagem seria estultícia e impertinência.

Quando teve conhecimento desta homenagem, Eduardo de Almeida, grande vimaranense, orgulho e honra da nossa Terra, a quem é devida consagração que terá de transcender os limites concelhios, escreveu-me a carta que passo a ler e constitui admirável resumo, que eu bem desejaria ter predicados para fazer, de quanto é justo dizer-se acerca de José de Pina:

«Na minha passagem de tão grandes jornadas por tão diversos caminhos, lembro-me de ter passado algumas horas na Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, o que, para mim não significa senão o ser-me dado ensejo de assistir, aliás como discípulo mediocre, a mais uma aula de Mestre José de Pina.

Aula de civismo e devoção; civismo viril, o préstimo do Bem-Fazer, a devoção, não só pelo desinteresse e abnegação, como pelo sacrifício e risco da própria vida.

E outra coisa não tem sido a vida do grande e honrado vimaranense que o inteiro sacrifício dela e dele, com o risco de alcançar a idade proventa, embora abençoado por todos, sem conforto material, e até moral, que por todos os títulos lhe era devido, na triste velhice de um homem de bem.

Homem de bem que deu a lição magistral da perfeita austeridade conjugada com a bondade compreensiva e estimulante, de reflexão metódica correspondente da acção forte e realista.

Como realizador que foi, calado, obscuro, teimoso, de pequeninas investigações, de pequeninas obras, que vieram a ser magníficas investigações e obras admiráveis — José de Pina é mais alguma coisa do que um homem bom de Guimarães: é a própria Guimarães em muitas horas da sua vida, uma Guimarães de bom senso mas progressiva, uma Guimarães estudante, mas alegre de salutar boémia espiritual, uma Guimarães artista, uma Guimarães de trabalho e oficina.

Poucos, muito poucos há como ele, meu caro Amigo.

Oxalá a tua palavra eloquente e sincera lhe sirva um pouco de lenitivo nesta hora desolada e que lhe amargura tanto... menos, estou certo, de arrependimento.

E ainda bem, para a sua Consciência».

Meu querido Amigo: Deste arrazoado só as palavras alheias merecem nota alta; as minhas, pobres delas, unicamente lhes dá valor o terem saído inteirinhas do coração.

(Conclui na página seguinte)

Homenagem

ao Comandante José de Pina

Continuação da quarta página

Só por isso julgo não ter desmerecido totalmente do mandato que me conferiram os seus antigos subordinados.

O elevado significado desta comemoração exigia a presença, neste lugar, de quem pudesse desempenhar-se melhor da tarefa.

Conforta-me, todavia, a certeza de que relevará ao discípulo que sempre tratou com tanta generosidade os erros e faltas desta prova.

Eu sabia a lição; mas ela resultou insípida, por falta de palavras com brilho correspondente à matéria nela contida.

A benevolente atenção com que fui escutado assegura-me o perdão da assistência.

O perdão do Mestre buscá-lo-ei no abraço que vou dar-lhe.

Tenho dito.

As últimas palavras do orador foram coroadas por uma estrondosa e demorada salva de palmas de toda a assistência.

O sr. Presidente da Câmara, ao encerrar a Sessão, associou-se à homenagem a Mestre José de Pina

Encerrou a brilhante sessão solene o Sr. Dr. José Maria P. de Castro Ferreira que proferiu o seguinte discurso:

Meus Senhores:

Por motivo das funções que desempenho, coube-me a honra da presidência desta sessão solene.

Nestas condições, antes de a encerrar, algumas breves palavras:

Em primeiro lugar, de felicitações sinceras para o orador o Ex.º Sr. Dr. José Pinto Rodrigues que eu conheço desde os recuados tempos da escola e da vida liceal.

Além de advogado distinto e de orador de largos recursos, tem sido toda a sua vida um vimaranense à altura, pondo de parte, na observação dos problemas locais, a erva daninha das paixões, sem nunca abdicar das suas convicções políticas.

Basta citar a interferência que teve, quando na imprensa se discutiu a questão do Palácio da Justiça — melhoramento grandioso, destinado a dignificar os próprios serviços e a honrar a terra que nos viu nascer.

Foi um problema que sempre vim com os olhos de um verdadeiro vimaranense, sincero e dedicado, salientando com imparcialidade os benefícios públicos que resultavam da sua construção.

Bem haja.

E-me grato publicamente prestar esta homenagem, a quem tem servido Guimarães com a sua inteligência e o seu coração.

A Sua Ex.º agradeço as palavras que me dirigiu, apenas significativas da nossa muito dedicada e velha amizade.

Por último, em nome do Município, agradeço o convite que me foi dirigido para aqui vir, associar-me a esta homenagem, a Mestre José de Pina.

Bem a merece, quem levou a vida de olhos postos em Guimarães, na sua glória, e no seu prestígio.

Nos Bombeiros, no Município, na Marcha Gualteriana, no Turismo, nas instituições de caridade, no Liceu e na Sociedade de Martins Sarmiento, por toda a parte deixou vincada a sua personalidade, inteligente e bondosa, além dos méritos de verdadeiro Artista que sempre o acompanharam.

Mais não quero dizer, a não ser expressar o veemente desejo de que Deus o conserve entre nós, proporcionando-lhe a saúde indispensável.

São estes os anseios de todos os vimaranenses, que muito o estimam, pois José de Pina, ao longo da vida, só e sempre conquistou amizades. Tenho dito.

No almoço de confraternização, voltou a ser exaltada a figura do homenageado

Pouco passava das 13 horas quando no amplo salão do restaurante Jordão, que estava vistosamente engalanado, se deu início ao almoço em honra de José Pina, no qual tomaram parte cerca de 200 convivas, entre os quais se viam todos os elementos do Corpo Activo dos Bombeiros, corpos gerentes da Associação e grande número de associados e admiradores do homenageado.

Na mesa de honra a que presidiu o Sr. Presidente da Câmara Municipal, que tinha o homenageado à sua direita, viam-se ainda diversas individualidades vimaranenses e pessoas de família de José de Pina.

Aos brindes falaram os Srs. Dr. João Mota Prego de Faria, em nome da Direcção dos Bombeiros, Tenente António Joaquim de Sousa, actual Comandante da Corporação, assim como alguns bombeiros; o Sr. Ernesto Rebelo de Magalhães, residente em Viseu e o Prof. Dr. Luís de Pina que agradeceu aquela homenagem prestada a seu tio e padrinho.

Por último o Sr. Presidente da Câmara afirmou a sua grande estima por José de Pina, homem sim-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 5, a sr.ª D. Alzira Teixeira e os nossos prezados amigos srs. Eng.º José Manuel da Silva Carvalho, José Soares Moreira Guimarães, Hercúlo de Matos, José Martins e Manuel Fernandes Braga, proprietário do Café Milenário; no dia 6, os nossos prezados amigos srs. António Caires Pinto de Madureira, Francisco de Assis Pereira Dantas e Júlio Gomes dos Santos e a sr.ª D. Francelina da Silva Fernandes Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. Camilo Nogueira da Costa; no dia 7, o menino José Luis de Oliveira Coutinho, filho do nosso bom amigo sr. João de Oliveira Coutinho; o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Mendes e a sr.ª D. Margarida Lobo de Sousa Machado Neves Pereira; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. Amadeu José de Carvalho e Edmundo Hermes Ribeiro e o menino Alfredo, filho do sr. António Fernandes; no dia 9, o menino José Ribeiro Portilha, filho do nosso amigo sr. Amadeu Portilha, e os nossos prezados amigos srs. Domingos Leite de Castro e dr. António Faria Fernandes de Freitas; no dia 10, a sr.ª D. Maria Aurora Mendes de Carvalho, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas, e os srs. Abílio Fernandes Novais e Luis da Silva, de Urgezes; no dia 11, a sr.ª D. Filomena Torcato da Silva e os nossos prezados amigos srs. José Pinto de Almeida, Joaquim José Novais e António Fernandes Martins da Silva.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 5, completa 7 primaveras, a menina Maria Clotilde, filha do nosso bom amigo e distinto colaborador sr. Eng.º Helder Raúl de Lemos Rocha e de sua esposa a sr.ª dr.ª D. Maria Júlia Limpo Trigueiros Rocha. Muitos parabéns.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do sr. José João Gonçalves da Cunha. Os nossos parabéns.

Também teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo sr. Dr. Alberto Manuel de Campos Moreira Sampaio. Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Desembargador Dr. Faria Martins — Esteve nesta cidade, de visita a sua família, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Desembargador Dr. João Faria Martins, que por estes dias segue para a Índia a ocupar o seu lugar na Relação de Goa.

Fazemos votos pela feliz viagem do distinto Magistrado e pelas suas prosperidades no desempenho das suas altas funções.

Estiveram no domingo nesta cidade:

GAZCIDLA

COMODIDADE--CONFORTO

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico

HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação

HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue

HERBIS N.º 4 Azia e más digestões

HERBIS N.º 5 Contra bronquites

HERBIS N.º 6 Nervos e insónias

HERBIS N.º 7 Rins e bexiga

HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula

HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal

HERBIS N.º 10 Tónico do coração

HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

dade, tendo vindo associar-se às homenagens prestadas ao respeitável vimaranense sr. Prof. José de Pina, os nossos prezados amigos srs. A. Garibaldi, de Felgueiras, nosso ilustre camarada e Ernesto Rebelo de Magalhães, residente em Viseu.

— Regressaram a esta cidade, após uma digressão por diversos países da Europa, os nossos prezados amigos srs. Albano M. Coelho de Lima, importante industrial em Pevidém e António Emílio da Costa Ribeiro.

— Com sua esposa e filha, esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa, residente em Viseu.

— Também esteve, com sua esposa, nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo e distinto advogado sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

— Foi desta cidade tomar parte no Rallye Ibérica, devendo regressar hoje, o nosso prezado amigo sr. dr. José Gonçalves.

— Esteve entre nós, acompanhado de seu filho sr. Guilherme da Silva Paúl, o nosso querido amigo sr. dr. António Paúl.

— Com sua esposa regressou das suas propriedades de Alvarinho ao Porto, o nosso bom amigo sr. Francisco Alberto Costa.

— Com sua esposa regressou das suas propriedades de Nespereira, o nosso bom amigo sr. dr. João Rocha dos Santos.

— De uma viagem pelo estrangeiro, regressou ao Porto o nosso prezado amigo sr. Luís de Oliveira Ramos.

Doentes

Esteve bastante doente, encontrando-se em vias de franco e completo restabelecimento, com o que muito folgamos, o nosso prezado amigo e ilustrado abade de S. Romão de Mesão-Frio, rev. P.º João de Oliveira.

— Com forte ataque de reumatismo, tem passado doente o nosso prezado amigo sr. António José Pereira Rodrigues.

— Esteve doente e em tratamento numa Casa de Saúde, encontrando-se em vias de franco restabelecimento, o nosso prezado amigo sr. Abílio Ferreira da Silva.

— Esteve doente, mas já se encontra quase restabelecido, a esposa do nosso bom amigo sr. Fernando Figueiredo.

— Na 2.ª-feira foi operada de urgência no Hospital de Santo António do Porto, de onde transitou para a Ordem da Lapa, onde se encontra em quarto particular, a sr.ª D. Maria Madalena Bravo Ferreira Meireles, filha do nosso prezado amigo sr. Avelino Ferreira Meireles.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. eng.º Helder Rocha.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria Cândida Ferreira da Silva

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortada com todos os Sacramentos da S.ª M. Igreja faleceu, contando 45 anos de idade, a sr.ª D. Maria Cândida Ferreira

da Silva, casada com o sr. Delfim da Silva; mãe da sr.ª D. Maria Adozinda Ferreira da Silva Melo e dos srs. António Fernando Ferreira da Silva, José Manuel Ferreira da Silva e José Luís Ferreira da Silva; sogra do sr. José Manuel de Sousa Melo e irmã da sr.ª D. Júlia da Glória Ferreira de Carvalho e dos srs. Manuel da Assunção Ferreira Júnior e Jerónimo da Assunção Ferreira.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se no passado dia 1, após a missa do corpo presente, que foi rezada no templo Paroquial de S. Sebastião, para o cemitério Municipal.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

Missa do 6.º aniversário do falecimento de sr.ª D. Maria de Jesus Leite da Silva Paúl

No próximo dia 12, às 8,30 horas e na capela da V.O.T. de S. Francisco, será rezada Missa do 6.º aniversário do falecimento desta bondosa Senhora, mãe do nosso querido amigo sr. dr. António Paúl.

O acto é mandado celebrar pela Mesa daquela V. O. Terceira em cumprimento das disposições testamentárias da saudosa senhora.

Para os nossos pobres e em sufrágio da sua alma, recebemos do sr. dr. António Paúl a quantia de 100\$00, com que contemplámos algumas pessoas muito necessitadas.

Vida Católica

A comemoração dos Fiéis Defuntos

No dia 1 de Novembro realizou-se, como é tradicional, a romagem aos cemitérios que se encheram, nesse dia desde manhã cedo, de uma multidão respeitosa, que ali foi numa evocação de saudade pelos mortos queridos.

De tarde saiu da Igreja da Misericórdia, em direcção ao Cemitério Municipal, a Procissão de Finados, em que tomaram parte muitos irmãos, acompanhando-a grande número de fiéis. No Cemitério foram lançadas pelo rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca, que presidiu ao préstito, as absolvições do ritual.

No dia 2, desde manhã cedo, os templos da cidade encheram-se de crentes para assistirem à comemoração dos Fiéis Defuntos, tendo sido celebrados ternos de missas e feito, como de costume, o pedidório em favor dos Seminários.

Diversas Notícias

Desastre mortal

O carro C F 19-82, conduzido pelo motorista Daniel Alves Sousa, atropelou, mortalmente, na Rua Dr. José Sampaio, no dia 1, uma mendiga, que aparentava 70 anos e cuja identidade se ignora.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Rainha, Telef. 40424.

Combata o frio com GAZCIDLA

Grande Sala

1.º Andar muito central, no Largo, 28 de Maio. Aluga-se Camisaria Martins.

Casa OLIVEIRA & SILVA, Suc.ª Apresenta, no seu modelar estabelecimento, as mais recentes novidades para Outono-Inverno. CASACOS, VESTIDOS E TAILLEURS.

o preferido nos meios elegantes o melhor café é o da BRASILEIRA

A Campanha Pró-Casa de Marcha Gualteriana em «Marcha»

No passado dia 28 de Outubro, alguns membros da Comissão de Meios Pró-Casa da Marcha Gualteriana, foram recebidos pelo sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, ilustre Presidente do Município, ao qual apresentaram o plano de trabalhos a realizar para a finalidade em vista, solicitando de S. Ex.º o seu valioso auxílio.

O sr. dr. José Maria de Castro Ferreira apoiou francamente o plano apresentado e prometeu prestar toda a sua colaboração para que tão importante empreendimento venha a ter o desfecho almejado por todos os vimaranenses.

Há o mais vivo interesse entre os Caixeiros de Guimarães, na organização do conjunto «OS REIS DOS CAIXEIROS», que a exemplo dos anos anteriores, e com absoluto sucesso, destina os fundos angariados a favor da construção da Casa da Marcha.

Aos briosos «rapazes» aqui deixamos expressa a nossa simpatia pelo empreendimento, tanto mais que, ele tem em vista, tão elevada finalidade.

Teatro Jordão

APRESENTA CINEMA SCOPE WICHITA com Joel Mac Crea e Vera Miles No filme de classe extraordinária em Technicolor. (Espetáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 6 -- 8 21,30 HORAS VISTA VISION

VENENO DE COBRA com Humphrey Bogart, Aldo Ray e Joan Bennett (Espetáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 8 -- 8 21,30 HORAS Filhos do Divórcio com Marga Lopez e Carlos Moctezuma (Espetáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 10 -- 8 21,30 HORAS MASSACRE TRAIÇOEIRO Technicolor com John Payne, Faith Domergue e Rod Cameron 828 (Espetáculo para maiores de 13 anos)

Declaração

Francisco Belino Pereira Mendes, declara que não se responsabiliza por dívidas contraídas seja por quem for sem consentimento por escrito ou pessoalmente.

Guimarães, 2 de Novembro de 1956. Francisco Belino Pereira Mendes. 829

ÓPTICA

Na secção de Óptica da OURI-VESARIA JOSÉ FERNANDES, à Rua Paio Galvão, desta cidade, encontrará V. Ex.º um variado sortido deste artigo e aos melhores preços.

Consertam-se todos os objectos deste artigo, e aviam-se re-cetáculos médicos com brevidade. 804

FIBRA ARTIFICIAL

Agentes-Depositários WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª R. Cândido dos Reis, 74-2.º TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS» Usados na Alemanha há cerca de 50 anos. Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich. hérnia UMA BOA NOTÍCIA O moderno método patenteado, sem mola e sem pelota MYOPLASTIC - KLÉBER é aplicado no nosso país pelo especialista internacional INSTITUT HERNIAIRE DE LYON



Grças a este verdadeiro «músculo de socorro» a vossa parede deficiente será reforçada e os órgãos mantidos no seu lugar «Como se fosse com as mãos». Encontrareis imediatamente bem estar, e vigor, como anteriormente. É maravilhoso. VINDE FAZER UM ENSAIO GRATUITO, EM BRAGA — Farmácia Roma — Rua dos Chãos, 111 DIA 6 de Novembro GUIMARAES — Farmácia Hórus — Largo do Toural DIA 7 de Novembro BARCELOS — Farmácia Lamela — Rua D. António Barroso DIA 8 de Novembro

GAZCIDLA COMODIDADE--CONFORTO ples, franco e leal que fez da sua vida uma lição, pelo seu exemplo de trabalho e de bondade. Terminou brindando pela sua saúde e por Guimarães. O Grupo Folclórico de Felgueiras entrou na sala, quase ao terminar do almoço, para apresentar cumprimentos ao homenageado, exibindo-se por alguns instantes. E deste modo terminou a encantadora festa que os nossos valorosos bombeiros promoveram em honra do mais nobre dos seus Camaradas. Telegramas Por não poderem comparecer associaram-se à festa enviando telegramas e cartas que foram lidas, os Srs.: Dr. Nuno Simões, que se fez representar pelo Director do Notícias de Guimarães; Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Padre João de Oliveira, António José Pereira Rodrigues, Eduardo Lemos Mota, Francisco Martins da Costa e Silva, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Humberto Dias Pereira, Francisco Pereira Mendes, Idalino Machado, de Santo Tirso, Julião Carneiro da Silva, de Melos; Capitão Francisco Martins Fernandes e Esposa, da Póvoa de Varzim; Professor Mário de Sousa Meneses, José Jacinto Jr., José Jacinto de Carvalho, Francisco Jacinto e António Jacinto; Prof. Alberto de Vasconcelos, Eng.º Alberto Costa, etc., etc.

GAZCIDLA COMODIDADE--CONFORTO ples, franco e leal que fez da sua vida uma lição, pelo seu exemplo de trabalho e de bondade. Terminou brindando pela sua saúde e por Guimarães. O Grupo Folclórico de Felgueiras entrou na sala, quase ao terminar do almoço, para apresentar cumprimentos ao homenageado, exibindo-se por alguns instantes. E deste modo terminou a encantadora festa que os nossos valorosos bombeiros promoveram em honra do mais nobre dos seus Camaradas. Telegramas Por não poderem comparecer associaram-se à festa enviando telegramas e cartas que foram lidas, os Srs.: Dr. Nuno Simões, que se fez representar pelo Director do Notícias de Guimarães; Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Padre João de Oliveira, António José Pereira Rodrigues, Eduardo Lemos Mota, Francisco Martins da Costa e Silva, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Humberto Dias Pereira, Francisco Pereira Mendes, Idalino Machado, de Santo Tirso, Julião Carneiro da Silva, de Melos; Capitão Francisco Martins Fernandes e Esposa, da Póvoa de Varzim; Professor Mário de Sousa Meneses, José Jacinto Jr., José Jacinto de Carvalho, Francisco Jacinto e António Jacinto; Prof. Alberto de Vasconcelos, Eng.º Alberto Costa, etc., etc.

DESPORTO

A Projecção das Cidades através do futebol

Já não merece controvérsia o facto de ser o futebol aquilo que provoca maior movimento de pessoas através do ano. Uma festa ou uma comemoração pode levar a trazer a uma cidade grande multidão, mas este facto só tem realidade em um ou dois dias num ano. Quanto ao futebol este movimento é permanente em domingos consecutivos, quase durante o ano inteiro. Por isso, não nos admira o interesse e o cuidado com que as cidades olham hoje o movimento desportivo, em especial o futebol.

Ainda há dias chegou-nos às mãos um exemplar dum grande magazine francês, onde, a propósito da vida de uma figura de nomeada do futebol actual, se teciam várias considerações a propósito da projecção dada às cidades pelo futebol. Não resistimos à tentação de transcrever o seguinte trecho:

«Quando se atravessa a Ásia ou a África de avião, há em toda a parte um sinal que anuncia a proximidade de uma cidade — é um terreno de futebol.

Muitas vezes é pelado, outras relbado, coberto de neve ou de pedregulhos, mas em toda a parte são as mesmas as suas dimensões. Há em Santa Helena, ilha perdida no meio do Oceano, que tem uma superfície igual à de Paris, mas de que a população não é maior do que a duma pequena aldeia, onde todos os anos se disputa um campeonato.

Antigamente as cidades orgulhavam-se do seu passado, da sua localização, dos seus monumentos. Hoje é a sua equipa de futebol que lhes dá prestígio e fama, equipa que as cidades ricas não se importam de constituir à custa de muitos milhões.»

Ainda, no último domingo, o trágico entre Guimarães e Braga foi aquilo que todos vimos. Que outra manifestação qualquer poria em movimento igual número de automóveis e camionetes?

Por tudo isto nos parece que Guimarães, por intermédio das suas autarquias locais e por meio dos seus particulares, deve seguir o exemplo registado em todo o mundo, como o aponta o magazine francês, e possibilitar ao Vitória aquelas condições de vida, que são o anseio de toda a gente, mas que nem todos ajudam a realizar.

E possibilitar um gosto igual ao de domingo último, que foi produto da dedicação de um núcleo limitado de Dirigentes e Amigos do Clube, é obra que, realizada por muitos, nem tanto custará e, por outro lado, projectará Guimarães, com o seu futebol, através do Mundo inteiro.

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

Braga, 0 — Vitória, 1

Magnífico triunfo num ambiente de lealdade desportiva

A magnífica vitória obtida pela equipa vimaranesa no sumptuoso Estádio 28 de Maio, foi um grande passo para a firmeza do Vitória nos lugares cimeiros da tabela. Foi um grande passo também, afirmamo-lo com a maior satisfação, para as relações desportivas entre os dois mais prestigiosos clubes da região minhota.

Quer as palavras do Ex.^{mo} Presidente do Sporting de Braga, quer a conduta geral do público, que, pode dizer-se, estava dividido em duas falanges do mesmo número, foi exemplo de registar nestes comentários que habitualmente dedicamos ao decorrer da Maratona.

Embora lutando por um resultado de alta importância, os dois Clubes do Minho puseram acima de tudo a dignidade desportiva. Lutou-se por um resultado, em jogo de nervos e de resultado indeciso até final, mas pairou sempre na amplitude do Estádio a fraternidade, o desejo mútuo de engrandecimento, a certeza de que, lutando dignamente, se triunfa mesmo quando o resultado é adverso. Exemplo de alto valor, que honra sobremaneira o Vitória de Guimarães e o Sporting de Braga!

Sobre o ponto de vista técnico, o jogo foi medíocre... ou talvez não. Da parte do Vitória parecemos que o encontro redoundo naquilo que se desejava — que era a obtenção do maior número de pon-

tos possíveis no terreno do adversário.

Para isso havia um plano estabelecido. E esse plano estava em atenção certa na defesa, espreitando os contra-ataques com rapidez e oportunidade. O Vitória por isso nunca foi uma equipa jogando em ferrolho, foi antes um conjunto com marcação de homem a homem na defesa e com a presteza da procura dos espaços vazios nas jogadas de ataque.

É isto futebol de campeonato e não é, muitas vezes, futebol de espectáculo. Daí aparentar-se a muitos, que o jogo foi medíocre. Para nós, pelo exposto, não foi certamente...

Ficha do jogo: Vitória — Lobato, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Artur; Bartolo, Barros, Rola, Daniel e Benje.

Sporting — Faria, Antunes e José Maria II; Passos, José Maria I e Armando; Costa, Velez, Rafael, Mendonça e Silvio. Arbitrou Clemente Henrique, do Porto.

O único golfo foi obtido por Bartolo, a quatro minutos do início da segunda parte.

Resultados gerais da jornada: Braga, 0-Vitória, 1; Salgueiros, 4-Tirsense, 1; Boavista, 5-Gil Vicente, 0; Sanjoanense, 5-Vianense, 2; Marinhense, 5-Peniche, 2; Espinho, 3-Leixões, 3; U. Coimbra, 3-Chaves, 1.



Já passei o Braga a ferro, Já passei o meu calção, Se o ferro não se apagar «Passarei de Divisão»!

Todos me querem, Eu quero só uma, Quero a Primeira, Não quero mais nenhuma l...

A jornada de hoje, que já esteve marcada para hoje e depois foi antecipada para o dia de Todos os Santos, para ser novamente marcada para hoje, sem ninguém saber o motivo da marcação e desmarcação, contém os jogos seguintes: Tirsense-U. de Coimbra; Gil Vicente-Salgueiros; Peniche-Boavista; Vianense-Braga; Leixões-Sanjoanense e Chaves-Espinho.

Visita a Amorosa, pela primeira vez, o Atlético Club Marinhense. Portanto, são de saudação as primeiras palavras que lhe dirigimos. Quanto ao encontro, esperamos que os vimaraneses demonstrem o seu valor, firmando-se ainda melhor na tabela de classificação. Para isso contamos com o esforço dos jogadores e com o apoio constante do público adepto, que deve à sua equipa uma estrondosa ovação, quando da sua entrada em campo, pelo magnífico triunfo obtido, no domingo passado, em Braga.

L. R.

Campeonato Regional de Juniores

No domingo passado as equipas vimaranesas deslocaram-se a Fafe, para defrontarem as daquela Vila. Nem uma nem outra perdeu, tendo o Vitória obtido um triunfo de 3-1, sobre o Futebol Clube de Fafe e o D. F. Holanda alcançado um empate de 0-0 sobre o Sporting de Fafe.

A equipa do Vitória vai melhorando pouco a pouco, o que demonstra dedicação a quem a tenta organizar e melhor escolha dos valores nela integrados. O D. F. Holanda, também não perdendo, mostra que caminha para melhor forma do que a inicial.

Hoje as duas equipas vimaranesas voltam a Fafe, defrontando agora, cada uma delas, o adversário que calhou à outra no domingo anterior, dando assim início à segunda volta do torneio.

Hoquei em Patins

Retribuindo a visita, que lhe tinha sido feita, na festa de homenagem à sua equipa, o Vitória deslocou-se a Famalicão, para defrontar o Famalicense. Venceram os famalicenses por 5-4, num encontro, como o resultado o diz, onde o equilíbrio foi total. A equipa vimaranesa demonstrou assim o seu progresso em relação à prova distrital, onde os famalicenses tinham triunfado duas vezes.

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471.

COMUNICADO

Acerca de uma referência feita ao Desportivo Francisco de Holanda na secção desportiva do último número deste Jornal e pela qual se depreende que esta Agremiação está a adoptar o profissionalismo na sua equipa de futebol da categoria de Juniores, vem a direcção do Clube esclarecer que tal referência é absolutamente destituída de qualquer fundamento, pois nunca os nossos atletas foram remunerados ou premiados de qualquer forma que possa brigar com os princípios de puro amadorismo que sempre respeitamos.

Talvez que a origem do boato se situe no facto deste Clube ter recentemente atletas a prestar-lhe a sua colaboração, com a carta de desobriga em seu poder, mas se assim é parece-nos indiscutível que essa circunstância serve de prova irrefutável às normas de amadorismo a que nos referimos, pois é uma afirmação de que o Clube nenhum poder tem sobre os atletas, precisamente pela razão de nenhuma subvenção lhes dar que lhe garanta os direitos que normalmente têm as colectividades que adoptam o profissionalismo.

Se o Desportivo Francisco de Holanda está a adoptar o profissionalismo, porque razão cedeu ao Vitória S. C. o seu atleta João da Costa, sem qualquer provento, que a ser o que propagam, nunca tal se poderia efectivar.

Aproveitando a oportunidade deste esclarecimento, esta Direcção lamenta publicamente o pouco amparo que ao Clube têm dado muitos desportistas da nossa Terra, que parecem esquecer-se que o Desportivo Francisco de Holanda é uma agremiação que representa Guimarães e que, por isso, tem direito ao apoio de todos os vimaraneses.

O motivo do esclarecimento presente é uma prova mais a juntar a muitas outras, de uma má vontade que se vem notando em alguns sectores, contra o nosso Clube, que não se compreende e que os sagrados interesses de Guimarães condenam por todos os princípios.

A DIRECÇÃO.

Assinal o Notícias de Guimarães

CHEGOU O FRIO!

Com «GAZCIDLA» poderá V. Ex.^a resolver com satisfação o problema de aquecimento!

Visite a nossa Exposição de CALORÍFEROS

Vários modelos

Mais modernos

Económicos

Práticos !!!

Agentes no concelho: TEIXEIRA & FREITAS, L.^{da}

L. Navarros de Andrade — Telef. 4547 — GUIMARÃES

Fogões desde 1.380\$00 — Esquentadores para banho — Irradiadores



De Covas Senhores Olivicultores

EXPEDIENTE

Um leitor, Guimarães — Será? Não será? Aquilo está um pouco obscuro. Fala-se no plural. Não lhe parece que se devia apontar o autor ou autores? Realmente, parece que nos é dirigido. Mas como diz — e muito bem — ninguém pretendeu abrange uma classe. A ser assim, parece-nos que a nossa local no mesmo número a favor do professorado já é mais que suficiente para contradizer a tal acusação (!)... — Sim, também vamos enviar ao C. X. F. por intermédio desse diário. Resta aguardar calmamente a resposta. Até breve.

Frel Gabriel Costa, Barcelos — Recebemos a visita. Logo que nos seja possível vamos falar dessa simpática obra. Gratos pela atenção e pelos cumprimentos que retribuímos. Saúde.

Com vista aos C. T. T.

Continuamos a reclamar um telefone público para esta localidade. E quem pede um telefone não pede o «impossível» mas sim uma «coisa» indispensável. Efectivamente, não está certo que neste país o telefone ainda seja considerado um objecto de «luxo». Noutras nações o telefone está ao alcance de todos e, até, com mais modernas inovações. Vejamos uma notícia da Austria:

«O serviço telefónico de Viena, que já fornece aos seus subscritores tudo desde um conto de fadas até uma receita para cozinhar, iniciou um novo serviço. Se se marcar «B 25000», ouve-se um som estranho. É o tiquetaque — um por segundo — de um relógio especial de quartzo, na contrastaria desta cidade. Esse serviço é destinado a homens de ciência e a outras pessoas que têm de acertar os seus cronómetros com a precisão de um centésimo de segundo.

Marcando outros números, os telefones dão várias informações. Músicos podem ouvir o dó maior, electricistas tomarão conhecimento da frequência normal de ondas eléctricas e, quem se interesse por isso, pode ficar a saber a previsão meteorológica para o dia de que se trate e, no inverno, a situação da neve nas montanhas austríacas.

Além disso, há serviços para dar os resultados dos concursos de prognósticos de futebol, cotações da Bolsa e horários dos autocarros. Tenciona-se incluir, também, o disco da semana e anedota do dia».

Novo assinante

Deu-nos a sua assinatura para o «Notícias de Guimarães» o nosso bom amigo sr. Domingos Alves Guimarães. — C.

DECLARAÇÃO

João José de Oliveira, casado, morador na Rua da Caldeira n.º 74 desta cidade, vem declarar ao público e comércio em geral, que não se responsabiliza por qualquer dívida contraída ou a contrair por sua mulher Ana Ferreira. Guimarães, 31 de Outubro de 1956. 619

Vende-se Na Pisca-Guimarães, prédio para habitação, tendo anexo edifício com indústria de cutelaria. Também no mesmo lugar se vende outro edifício com indústria têxtil, 100 metros de extensão, adaptável a armazém. Óptimo rendimento. Para informações o telef. 4350. 661

Chegou a hora de produzir mais e melhor e dentro da melhor técnica.

É orientada segundo este lema que vem a SOCIEDADE AGRÍCOLA QUINTA DE S. MIQUEL, L.^a — S. Miguel da Carreira — Barcelos, prosseguindo na tarefa contraída de enriquecer em quantidade e qualidade os seus produtos, convencida que só assim poderemos nós, lavradores, aumentar o nosso património, valorizando automaticamente a economia nacional. E dentro desta ordem de ideias, participa esta Sociedade que acaba de importar de Itália um novo lagar para o fabrico de azeite, que ainda na presente campanha entrará em funcionamento.

Este lagar, da marca «MOLINOVA», do mais recente modelo, em confronto com os restantes lagares nacionais, ficará habilitado a compensar cabalmente a preferência com que os Ex.^{mos} Olivicultores dignarem distingui-lo, pela inteira garantia de um maior rendimento e superiores qualidades do nosso precioso azeite. Esta Sociedade que tem tido a honra de ser visitada por altas individualidades representativas da Lavoura Nacional e outros sectores da vida económica da Nação, quer em visitas individuais quer em excursões promovidas por diversos estabelecimentos de ensino e organismos, como os Grémios da Lavoura, com o fim de apreciarem de perto as suas modelares instalações e colherem elementos sempre úteis, tem a honra de convidar os Ex.^{mos} Colegas a visitarem o seu lagar e os seus viveiros, onde possui um activo de mais 30.000 pés de oliveiras para venda ao público, da variedade «galega grada», a mais recomendada para um bom rendimento de azeite na nossa região. 627

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocopias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30611 — PORTO (Ao cimo da Av.^a dos Aliados) 528

ALTO! — ABRIU A CAÇA...

Não permita, no entanto, que lhe vendam «gato por lebre»... Nas suas compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal. Os tubos de parede reduzida não podem servir-lhe.

ÚNICOS IMPORTADORES EM GUIMARÃES (Só tubos de parede normal)

A Competidora de Representações, L.^{da} RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525 8

Arames zincados

Ferro T e redondo

Ferro para construção civil

Redes para vedação

Vende aos melhores preços

JOSÉ MÁRIO MATOS

Telf. 40340 — RUA DA RAINHA, 141. 514

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES